



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ARIEL MOURA ALVES

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DO LUTO E SUA IMPORTÂNCIA NA
CLÍNICA PSICANALÍTICA**

NITERÓI
2022

ARIEL MOURA ALVES

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DO LUTO E SUA IMPORTÂNCIA NA
CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de titulação em Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo.

Orientadora: **Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira**

NITERÓI

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A474c Alves, Ariel Moura
Considerações sobre o trabalho do luto e sua importância
na clínica psicanalítica / Ariel Moura Alves. - 2022.
57 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2022.

1. Luto. 2. Elaboração. 3. Clínica psicanalítica. 4.
Melancolia. 5. Produção intelectual. I. Oliveira, Flavia
Lana Garcia de, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO

ARIEL MOURA ALVES

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DO LUTO E SUA IMPORTÂNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de titulação em Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo. Orientadora: **Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira**

Aprovada em dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira (Orientadora) - UFF

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa - UFF

Prof. Dra. Renata Monteiro - UFF

NITERÓI

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Antônio Carlos* e *Leila*, por me darem a oportunidade de nascer de novo, me mostrando que a vida pode ser simples e bela, mas que conseguimos usufruir disso tudo a partir de quem verdadeiramente somos. A Ariel que sempre se interessou por estudos, leitura e escrita deve tanto a vocês, que sempre me inspiraram a ser melhor e a querer mais, nunca deixando de ser generosa. Obrigada por tantas renúncias para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por tanto interesse por tudo o que eu tinha a dizer. Obrigada por acreditarem que eu sou capaz. Todo o meu amor a vocês que de fato me constituíram como sou hoje. Sem vocês, eu não seria eu. E eu não quero imaginar um mundo onde isso é possível.

Às minhas irmãs, *Leiliane* e *Tatiane*, meus sobrinhos e primos, por sempre estarem ao meu lado me apoiando e acolhendo.

À *Laryssa* e *Jonathan*, que me ajudaram um milhão de vezes só por serem quem são.

Ao *Gabriel Louis*, que se tornou meu melhor amigo nesse desafio incrível da formação. Foi junto com você que eu descobri o mundo fascinante da psicanálise, embarcando em uma aventura que resultou em coisas muito preciosas para mim. Obrigada pelas conversas sem fim, os estudos repetidos até que pudéssemos entender do que se tratava o texto, as chamadas para estudar com companhia e sempre dar força ao outro em todas as ocasiões. Nossa amizade é uma das coisas mais importantes que pude experimentar nesse tempo.

À *Júlia Sardinha*, *Claudia Soares*, *Nathalia Branco*, *Juliana Costa* e *Caroline Sampaio*, pela amizade que fez com que até os momentos difíceis fossem fáceis e leves. Obrigada por todas as trocas, as risadas e companheirismo.

Ao *Angelo*, pela sua amizade e energia para fazer grupos de estudo que foram essenciais para entender a seriedade da profissão que quero levar. Obrigada pelas inúmeras conversas sobre luto e melancolia e pela parceria.

À *Lucas, Giovane, Thais, Matheus e Victor*, pela amizade genuína e ar fresco que sempre me proporcionam, principalmente nos momentos mais difíceis. A partir de reencontros e novos encontros, uma conexão foi formada de modo leve, bonito e respeitoso. Obrigada por estarem aqui para mim nos momentos decisivos da minha vida, sempre reiterando que eu sou capaz de obter êxito nos meus planos.

À *Flavia Lana*, minha orientadora, por dar um novo sentido à graduação de psicologia na UFF. Obrigada pela oportunidade de aprender com você durante todo esse tempo, com uma transmissão exemplar que me despertou desejo, coragem e força para conseguir o que quero. Obrigada por ser um exemplo ao mostrar que é possível realizar cada um dos nossos objetivos.

Ao *Carlos Costa*, pela incrível transmissão, paciência e pelo dom de ensinar a psicanálise. E à equipe do estágio pelas inúmeras trocas que foram essenciais para minha formação.

À *Virginia Dresch*, pela aposta em mim, pelos ensinamentos e por me proporcionar um contato com o Hospital Universitário Antônio Pedro, do qual eu tanto sonhava em ter. E obrigada à sua equipe de extensão, Vitória, Layssa e Alessa, pelo acolhimento e parceria.

Ao *Marcelo Santana, Valmir Sbano e Renata Monteiro*, por serem professores incríveis e contribuírem para a minha formação.

À *Lídia, Cleide e Salvador*, professores de português, sociologia e filosofia do meu ensino médio, pela aposta de que a educação é o caminho.

À minha analista, *Daniele Rangel*, por me ouvir. Dito isso, obrigada por tanto.

“A condição não se cura, mas o medo da condição curável.” (Clarice Lispector)

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo a investigação do trabalho do luto na teoria psicanalítica. A partir da concepção do luto como um trabalho psíquico, mostra-se importante entender quais processos psíquicos e culturais possibilitam essa tarefa, bem como afirmar que realizamos esse trabalho para nos constituirmos e adentrar na cultura a partir de uma série de renúncias. Nos detivemos sobre o trabalho penoso que engendra o luto e às relações de objeto para entender o que possibilita a construção da capacidade de se tomar como objeto de amor capaz de recuar de situações que podem empobrecer o Eu, de modo a poder investigar como esse trabalho ocorre na clínica. Por fim, investigamos que a melancolia é uma posição subjetiva mais radical frente a perda do objeto, sem a disponibilidade de ferramentas que realizam esse trabalho.

Palavras-chave: luto; elaboração; clínica psicanalítica; melancolia

ABSTRACT

This monograph has as its main objective the investigation of the work of mourning in psychoanalytic theory. From the conception of mourning as a psychic work, it is important to understand which psychic and cultural processes make this task possible, as well as to affirm that we carry out this work to constitute ourselves psychically and to enter the culture from a series of renunciations. We focused on the painful work that engenders mourning, the object relations to understand what makes possible the construction of the capacity to take oneself as an object of love capable of withdrawing from situations that can impoverish the Self, in order to be able to investigate how this work takes place in the clinic. Finally, we investigated that melancholy is a more radical subjective position facing the loss of the object, without the availability of tools that perform this work.

Key-words: mourning; elaboration; psychoanalytic clinic; melancholy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1) O LUTO NA OBRA FREUDIANA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	13
1.1 Metapsicologia da dor e do amor.....	16
1.2 Luto e Pulsão.....	17
1.3 Luto como o amor remanescente.....	22
1.4 Luto e angústia.....	23
2) A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE LUTO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: A AQUISIÇÃO DA CAPACIDADE DE RENUNCIAR PARA SE ESTRUTURAR.....	26
2.1 Mito da horda primeva como o processo de elaboração de um luto que funda a cultura.....	27
2.2 Constituição do eu como efeito do trabalho de luto com a dissolução do complexo do Édipo.....	29
3) LUTO E SEUS IMPASSES NA CLÍNICA PSICANALÍTICA.....	37
3.1 Trabalho analítico como um trabalho de luto: recordar, repetir e elaborar.....	37
3.2 A melancolia como posição radical de não trabalho de luto frente à renúncia do objeto perdido.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

O luto é um trabalho psíquico que todo indivíduo precisa realizar ao longo da vida, seja pela morte de um ente querido, pelo rompimento do laço que se mantinha com alguém amado ou até mesmo pelas mudanças da vida que promovam o corte de relações com pessoas e espaços. Por ser comum estarmos diante de situações que evidenciam esse desencontro com as nossas certezas e vontades, Freud (1917[1915]/2019) caracteriza o luto como uma reação, uma resposta que o sujeito produz frente a esses momentos de perda.

Em suas obras, o luto aparece como tema de investigação atrelado a outras questões psíquicas, sendo usado como comparativo. O texto de Freud escrito em 1915 e publicado em 1917, *Luto e melancolia*, protagoniza um exame psicanalítico sobre a psicodinâmica do luto de suma importância para o contexto vivido por Freud, e, inclusive, para iniciar um estudo mais preciso da melancolia. Esta afecção traz em si um caráter patológico e de difícil distinção categórica pelas suas “[...] variadas formas clínicas, cujo agrupamento numa só unidade não parece estabelecido” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 171). Em relação à melancolia e seus impasses, nos deteremos mais tarde, no capítulo três deste trabalho. Por outro lado, o luto, embora represente um afastamento do que seria considerada a vida “normal”, por apresentar um caráter doloroso que inibe alguns sujeitos, não pode ser jamais visto como patológico.

Ao ler o texto canônico de Freud já na primeira vez, fica evidente que o autor descreve o trabalho de luto com maestria, deixando poucas questões para serem trabalhadas em outros textos. A ênfase é voltada para os efeitos psíquicos da experiência de perda de um objeto amado, por exemplo, deixando de enfatizar alguns pontos importantes que serão discutidos com mais profundidade no capítulo dois deste trabalho, sobre a importância e necessidade de se servir desse trabalho interno do momento em que nascemos até o momento de nossa própria morte.

Ao ler textos fundamentais da obra freudiana, como *O projeto para uma psicologia científica* (1895), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Totem e tabu* (1912) e *Psicologia das massas e a análise do eu* (1923), entende-se que o advento do sujeito civilizado, que faz pacto com a cultura e assimila a castração, apenas é possível diante de um trabalho de luto mais primitivo, da ordem de uma renúncia fundamental. Tal perda de objeto

é anterior à nossa emergência enquanto sujeito e age de forma transgeracional, através dos mitos, como uma marca que vai se relançando a cada vez que estamos diante do desafio de suportar a impossibilidade de plena realização de nossos desejos. Como Freud (1914/2019) aponta, diante do amor, da dor, das perdas, de uma doença orgânica, nosso narcisismo pode regredir e um trabalho de luto toma a vista como possibilidade de elaboração.

Em 1912, Freud escreveu a obra “Totem e tabu”, se valendo de abordar o tema do luto em muitos capítulos, demonstrando o valor cultural e constitutivo que este demarca para a passagem de um tempo mais primitivo para uma cultura com normas e leis reguladoras, exprimindo o caráter comentado acima da passagem da natureza à cultura. Contudo, já em 1895, no texto “Projeto para uma psicologia científica” o tema da perda do objeto amado era explorado, possibilitando entender como nosso aparelho psíquico foi constituído através dessas marcas deixadas pelo outro e como já muito cedo ocorre uma escolha do sujeito que demonstra um trabalho de luto ao ter que se separar do objeto e suportar uma frustração em buscar objetos que tenham apenas um traço daquele perdido.

O presente trabalho tem como objetivo pontuar a importância do luto na obra freudiana, demonstrando que essa ação é constitutiva para a posição do sujeito que chega ao mundo desamparado e precisa traçar um percurso de investimentos e desinvestimentos para construir sua posição no espaço cultural. O tema do luto evidencia não apenas um estado reativo frente à perda do amor, mas também se apresenta como condição de possibilidade para adentrar na vida civilizada a partir da inscrição da castração, indicando, assim, um consentimento com a perda do objeto primitivo inacessível (FREUD, 1912-1913).

Diante do exposto, busca-se entender alguns pontos fundamentais balizados pela teoria psicanalítica: quais são as bases psíquicas que possibilitam o processo de luto? Por quais meios econômicos o luto realiza sua tarefa e por que se mostra um trabalho tão doloroso? O que ocorre quando não se separa do objeto perdido? É possível entender a melancolia, afecção oposta ao luto, como um fracasso ou incapacidade de fazer um luto? O que esse trabalho permite em termos de elaboração na clínica psicanalítica?

Conclui-se que há importância de entender o processo de luto como constitutivo, buscando balizas que elucidem o espaço da clínica para entender como cada um empreendeu esse trabalho para conseguir elaborar lutos frente às adversidades da vida ou construir uma resposta mais melancólica. Clínica e teoria não são distintas, e saber quais bases psíquicas agem nesse trabalho tem função de marcador clínico, possibilitando um manejo cuidadoso em casos de difícil acessibilidade e adesão, o que, por sua vez, viabiliza um melhor entendimento acerca das relações psíquicas entre o Eu e o outro e como ele responde a isso.

CAPÍTULO 1

1. O luto na obra freudiana e seus desdobramentos

A morte pode ser definida como um paradoxo para os seres humanos a partir do momento em que nada sabemos sobre ela, mas temos notícias dela diariamente, seja através dos noticiários, das conversas do dia-a-dia e de certas profissões que atuam diretamente com isso. Ou, em muitos casos, através dos nossos próprios receios em pensar na nossa própria finitude.

Ainda que, durante os séculos, a morte tenha sido o principal tema de estudo e exploração artística em muitas áreas, podemos dizer que é um mistério, mesmo que seja a única certeza que temos na vida, o que resulta, para muitos, em dor e angústia. Em vista disso, ao longo de suas obras, Freud se debruçou sobre o tema da morte de diversas perspectivas com o objetivo de entender como os sujeitos conseguem organizar dentro de si e dar lugar a este fato que é “o desfecho necessário de toda a vida [...] a morte é natural, incontestável e inevitável.” (FREUD, 1915a/2019, p. 230).

Ao escrever o capítulo *Nossa atitude perante a morte* do texto *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud (1915a/2019) demonstra como a morte é algo que, ainda hoje em dia, no cotidiano, causa uma certa negação, uma vez que tê-la em mente nos tiraria do curso normal da vida. Essa questão se mostra tão delicada que não fazemos inscrição da nossa própria morte no inconsciente, nos valendo de nossa imortalidade (FREUD, 1915a/2019). A adoção de tal postura não é sem consequências, “a tendência a excluir a morte dos cálculos da vida traz consigo muitas outras renúncias e exclusões” (FREUD, 1915a/2019, p. 232).

No entanto, uma mudança de posição começou a ser assimilada diante da guerra que dizimou muitos e destruiu patrimônios culturais. A escolha do autor pelo aprofundamento da psicodinâmica do luto através do tema da morte se mostrou necessária à investigação pelo cenário onde o mundo se encontrava ao vivenciar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Desse modo, Freud observa: “não é mais possível negar a morte; temos de crer nela.” (FREUD, 1915a/2019, p. 233). Frente a isso, entendemos que o trabalho de luto é necessário, inclusive da nossa própria finitude.

Após um ano de guerra, em 1915, Freud escreve *Luto e melancolia* descrevendo do que se trata essa tarefa psíquica e o publica em 1917. O luto, segundo ele, é uma resposta produzida diante de situações que envolvam uma perda significativa para o sujeito. Podemos defini-lo como um afeto normal que não precisa ser perturbado porque não persiste por muito tempo, embora seja um trabalho penoso que exige de cada sujeito uma dedicação singular (FREUD, 1917[1915]/2019).

O luto é uma exigência de trabalho que precisa ser feita através da capacidade de fazer investimentos e desinvestimentos em relação a um objeto. Ainda que se tenha substitutos ao qual se possa investir novamente, o processo do luto conta com um certo apego ao objeto, do qual não se quer renunciar imediatamente. Assim, aceitar a própria finitude, ou como vimos na época da guerra, assimilar as destruições em massa de pessoas e dos patrimônios culturais, requer acúmulo de energia psíquica. Em muitos casos, esse processo pode resultar em uma rigidez psíquica. Em vista disso, Freud (1916a/2019) aponta que essa rigidez em aceitar a transitoriedade das coisas pode implicar em dois estados psíquicos, um que tende a um cansaço do mundo externo, que pode se explicitar por um pessimismo; e outra manifestação é um abalo contra este fato, uma “revolta psíquica contra o luto” (FREUD, 1916a/2019, p. 250). Nesse sentido, os sujeitos ficam tão indignados com a perda do objeto de investimento que sucumbem à raiva, resultando em um impedimento deste processo importante que cria a capacidade de aceitar os objetos do mundo externo como temporários (FREUD, 1916a/2019).

Durante a história da humanidade, os abalos causados pela guerra foram tema central de diversos estudiosos, não só pela instabilidade econômica e social que se instaurou, mas sobretudo, pela psíquica. Diante de muitas perdas e sujeitos enlutados, entender e empreender como se desenvolve tal trabalho psíquico se mostra necessário para a reconstituição dos laços psíquicos e sociais. Entendendo que esse cenário produziu muitas mudanças em larga escala e ocasionou sérias consequências psíquicas para muitos, podemos compará-lo ao cenário pandêmico vivido em 2020 por consequência do COVID-19, que resultou em muitos estudos que buscavam evidenciar a necessidade de elaboração dos diversos tipos de perda que se apresentavam naquele momento: dos laços sociais, da liberdade por causa da quarentena e da perda dos entes queridos (BASSOLI & MATOS, 2020). Tal posição também evocou em muitos sujeitos essa “revolta psíquica” da qual Freud já investigava em 1916, provocando certos impasses no trabalho de elaboração. De acordo com Bassoli & Matos:

A incredulidade diante de uma doença inédita, altamente contagiosa e rapidamente letal para alguns faz com que as pessoas reinventem seus rituais para dar vazão à elaboração psíquica, que quase nunca acompanha a realidade (BASSOLI & MATOS, 2020, p. 113).

Assim, o estudo minucioso do luto continua a expressar seu caráter fundamental. Precisamos nos deter melhor sobre a psicodinâmica dessa tarefa psíquica, com o objetivo de elucidar esse caráter de aceitação da finitude dos objetos e ao mesmo tempo um certo apego em realizar a renúncia necessária para fazer novos laços.

Como já descrevemos, o luto é um trabalho necessário que todos os indivíduos empreendem ao longo da vida, uma vez que implica produzir uma resposta frente a um novo cenário que se apresenta diante de uma perda ou mudança radical de vida, nos remetendo a nossa condição de desamparo. Aqui, nos referimos a perdas de caráter fúnebre, mas não apenas, ampliando a noção para a perda da liberdade que pode ser tirada a qualquer momento, de um ideal, da própria saúde ou do amado, ou mesmo a perda da pessoa amada que não envolva morte, como os rompimentos de relacionamentos (FREUD, 1917[1915]/2019).

Do ponto de vista fenomenológico, o luto é um processo que coloca o sujeito em um espaço e tempo muito particular, uma vez que é um trabalho psíquico dispendioso que traz modificações a respeito do mundo ao redor do sujeito, que se torna “pobre e vazio” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 176). Quando se desfaz um laço, há um desinteresse do sujeito enlutado pelas realizações do mundo externo enquanto nada tem ligação com a pessoa que se foi ou aquilo que se perdeu. Isso explica, em certa medida, porque alguém que passa pelo processo de luto se fecha para o mundo, muitas vezes se isolando e se eximindo de fazer laços para além daquele que se rompeu (FREUD, 1917[1915]/2019).

É comum, em muitos casos, que o sujeito se enlace nesse processo, de modo a ficar um tempo nessa posição mais inibida, desprendida do que se acontece na realidade externa à sua dor. Em minha prática de pesquisa e extensão na graduação a respeito do cuidado às mulheres com câncer de mama, foi comum ouvir relatos de pacientes que se diziam cansadas, sem ânimo para conversar com as pessoas e aproveitar os momentos fora da rotina hospitalar. Uma paciente disse que sua condição não era de estar “necessariamente deprimida, era perdida mesmo, perdida, perdida. Eu não sabia o que fazer da vida.”¹ (*sic*). Diante do descobrimento do câncer, de uma gravidez e do rompimento do casamento, sua posição mais

¹ Fala retirada da entrevista com paciente voluntária da pesquisa “Trauma emocional no aparecimento e desenvolvimento do câncer” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFF-Niterói sob o número de referência 5.246.054.

“perdida” em relação ao mundo encontrava lugar no processo de luto que começava a empreender. Se tratando do luto, a perda é consciente, logo, é possível entender o que foi perdido e elaborar mais sobre isso, de modo que o sujeito não se perca totalmente com a perda (FREUD, 1917[1915]/2019).

O caso do luto traz o entendimento de que há uma escolha do sujeito em ocupar essa posição mais afastada do mundo temporariamente, assim, a inibição ao mundo externo encontra uma explicação mais aprofundada no próprio trabalho psíquico que mobiliza os empreendimentos externos em prol do superinvestimento naquilo que o sujeito perdeu e gostaria de recuperar (FREUD, 1917[1915]/2019). Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926/2021) explica a questão da inibição, elucidando o mecanismo. Segundo o autor:

Quando o Eu é solicitado por uma tarefa psíquica particularmente difícil, como, por exemplo, o luto [...] ele se empobrece de tal forma, no tocante à energia disponível, que tem de reduzir seu dispêndio em muitos lugares simultaneamente, como um especulador que imobiliza seu dinheiro nos seus empreendimentos (FREUD, 1926/2021, p. 19)

O luto pode ser visto como um cálculo em que, ao precisar realizar o desligamento de todas as conexões, lembranças, ideias que se tinha com o sujeito, o Eu congela temporariamente seu investimento em certos aspectos do mundo externo que não vão lhe suprir a falta do objeto (FREUD, 1917[1915]/2019). Em vista disso, é importante se questionar: por que o Eu fica empobrecido de energia e desfaz investimentos no mundo externo em vez de apenas desinvestir do próprio objeto? Alguns casos demonstram mais dificuldade que outros pela capacidade do sujeito de abrir mão naquele momento. Freud (1917[1915]/2019) explica que a realidade prova para o sujeito que o objeto não mais existe, ou seja, é preciso que haja aceitação da sua realidade e tal tarefa não é concedida imediatamente. A exigência de renúncia do objeto feita ao Eu do enlutado é tomada, de início, como um grande empreendimento de difícil realização, o que contribui para a inibição da qual nos detemos (FREUD, 1926/2021).

1.1 Metapsicologia da dor e do amor

Para explicar de forma mais aprofundada porque essa tarefa se mostra tão difícil, Freud (1926/2021) aponta como característica particular desse trabalho, o afeto doloroso que invade o sujeito quando é preciso se despedir do objeto amado, deixando-o ir. Isto é,

conseguir desfazer todas as associações de grande importância libidinal que ocupavam sua economia psíquica. Podemos pensar no trabalho psíquico de ir esquecendo as memórias que se teve com a pessoa amada, ainda que não se queira isso, pouco a pouco, ao longo dos anos: perde-se na memória o seu jeito de falar, o tom da voz, como era seu rosto. Em outros casos, há uma dificuldade que se denuncia ao precisar lidar com o que resta de imutável da vida da pessoa que partiu: suas roupas, objetos da casa, animais de estimação e vínculos.

O autor, inclusive, comenta sobre a dificuldade de debater sobre o assunto sem se aprofundar nos mecanismos econômicos da dor, entendendo como este pode incidir sobre o aparelho psíquico de forma traumática. Na obra freudiana, encontramos o luto sendo descrito como o “estado de ânimo doloroso” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 173). No entanto, é possível perceber uma certa restrição de Freud em explicitar esse mecanismo em relação ao luto utilizando a metapsicologia nesse momento da obra.

Em *Luto e melancolia*, Freud aponta que ainda é preciso esclarecer a dor do ponto de vista econômico para que o trabalho do luto faça sentido. Um ano mais tarde, no texto sobre *A transitoriedade*, o autor ainda carece de respostas acerca do tema, colocando a questão do "por que esse desprendimento da libido de seus objetos deve ser um processo tão doloroso, isso não compreendemos, e não conseguimos explicar por nenhuma hipótese até o momento." (FREUD, 1916a/2019, p. 250). Diante dessas questões, é necessário entender as relações de objeto que estabelecemos ao longo da vida com o objetivo de explicar o caráter doloroso que acompanha os desinvestimentos libidinais, o que pode resultar na ampliação do conhecimento do afeto presente no trabalho de luto que abate o sujeito.

1.2 Luto e Pulsão

Como foi desenvolvido anteriormente, quando um sujeito se depara com a ruptura do laço que mantinha com pessoas e situações na qual ele investia psiquicamente, a realização do trabalho de luto se mostra necessária (FREUD, 1917[1915]/2019). Para que seja possível seguir adiante, é preciso que o sujeito retire um montante de energia de investimento antes dirigida para o objeto ou situação em que investia, exercendo o trabalho psíquico de redistribuição de suas energias, que, ao fim, permite o direcionamento para outros objetos. Esta energia usada para investir no objeto é definida por Freud como libido, entendida, quantitativamente, como a energia da pulsão sexual (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

A pulsão é fundamental para entender as relações de objeto e como o sujeito possui uma maior flexibilidade ou rigidez para abrir mão dos investimentos diante das perdas,

exercendo a renúncia às satisfações. Devido à condição de desamparo inerente ao nascimento humano, nós temos a pulsão, esse estímulo interno que incide na psique e que aponta para uma posição onde estamos impossibilitados de formular ações para nos livrarmos completamente do desconforto que surge através da constância com a qual a pulsão incide (FREUD, 1915b/2019).

Em *Pulsão e seus destinos* (1915), a pulsão é descrita como:

[...] um conceito entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo (FREUD, 1915b/2019, p. 57).

Quando um sujeito faz conexões com um objeto, ele está psiquicamente atendendo a uma exigência da pulsão de fazer ligações que resultem em uma satisfação já experimentada anteriormente, no momento em que se sentia desamparo (FREUD, 1895b). Para Freud, a pulsão é constante, o que significa entender que sua exigência de trabalho nunca é totalmente esgotada, sempre buscando por mais satisfação. O sujeito, a partir da exigência pulsional, trabalha no sentido de descarregar, ainda que parcialmente, as tensões internas e externas, buscando, através do objeto, atingir a meta de eliminar o desprazer.

O objeto escolhido pelo sujeito é o que se mostra de mais variável na pulsão e pode ser substituído ao longo da vida, pois é sempre parcial (FREUD, 1905/2021). É possível propor que, a partir da busca pela eliminação do mal-estar, temos uma tendência para fazer investimentos em outros objetos, enquanto uma posição mais rígida, muitas vezes geradora de mal-estar e dor, pode estar ligada a fixação por meio da ligação da pulsão a um único objeto, demarcando a dificuldade de renunciar e abrir mão do objeto perdido mesmo quando a realidade impõe tal processo (FREUD, 1915b/2019).

Embora o objeto seja o que mais varia na pulsão, evidenciando que podemos sair em busca de novos empreendimentos a todo momento, desfazer associações ao longo da vida, abandonando posições, é um trabalho doloroso (FREUD, 1895a/1990). É possível apontar na postura do enlutado como é difícil se ligar a outras pessoas e atividades enquanto o processo de dor e mal-estar não se esgota. É comum, por exemplo, que as pessoas enlutadas se fechem em uma dor que não é compartilhável, ainda que outras pessoas estejam passando pela mesma situação, visto que sua relação com o objeto era inteiramente singular.

Freud, em 1914, escreve o texto *Introdução ao narcisismo*, que inaugura um importante momento na concepção da metapsicologia, contribuindo para o entendimento acerca do advento do Eu e as relações que este estabelece com os objetos do mundo. O autor

nos mostra que diferentemente dos animais, nascemos em absoluto despreparo, sem o instinto que os animais possuem para a autoconservação (OLIVEIRA, 2021)

Como dito anteriormente, muito estímulo e aumento de tensão no psiquismo, sem que haja um direcionamento para alguma representação de objeto se torna fonte de desprazer.

Segundo Freud:

o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna” (FREUD, 1895b/1990, p. 241).

Isto é, uma vez que o bebê ainda não dispõe da capacidade de gerar ações específicas que modifiquem esta situação que lhe é estranha, ele chora, convocando um outro que atende a manifestação de desconforto, acolhendo e nomeando o que significa. Ao interpretar o desconforto como fome, por exemplo, a mãe o retira do desamparo através da experiência da amamentação (FREUD, 1895b/1990). Essa primeira experiência vai gerar marcas que vão retornar para a vida do sujeito em outros momentos.

O que Freud aponta nessa época onde sua primeira tópica do aparelho psíquico vai sendo mais desenvolvida, é que a pulsão se distingue no dualismo entre pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. Acreditava-se que havia uma oposição entre “[...] as pulsões que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que tem por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do Eu.” (FREUD, 1910/2020, p. 318). E em 1914, ele faz uma revisão dessa teoria, enunciando que a pulsão sexual comporta a libido objetual, que busca investimentos no objeto, mas também a libido do eu, que se toma como objeto. Assim, é como se o sujeito tivesse exigências que nada tem a ver com o que precisa fazer para se manter vivo, evidenciando que nem sempre o caminho que o sujeito escolhe é o da autoconservação (FREUD, 1914a/2019).

Antes mesmo, em 1905, no *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud já enfatizava que a pulsão sexual não se relaciona apenas com a satisfação da necessidade de autoconservação que surge como exigência de trabalho. Nesse caso, é importante retomar a discussão sobre o desamparo e enfatizar que a pulsão sexual nasce de um laço com esse outro que acolhe essa exigência. Quando o primeiro desconforto do bebê é apaziguado através do acolhimento materno, isso irá retornar, em um segundo momento, como necessidade de repetir essa satisfação, mas não necessariamente envolvendo a fome. Freud explica que “a atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e

somente depois se torna independente dela.” (FREUD, 1905/2021, p. 85-86). A criança, onde uma vez utilizou os lábios para se alimentar, vai usá-lo para sugar e isso, por si só, promove uma satisfação parcial que busca retomar a anterior.

Diante do exposto, pudemos esclarecer como a pulsão se relaciona com o laço com o outro e como suas exigências se ligam a um objeto que apazigua parcialmente a angústia, mas que não é fixo, é preciso ser reencontrado para além do primeiro Outro que investiu no sujeito e que mantém marcas dele. Em 1905, Freud já nos dá esse direcionamento ao dizer que “a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta” (FREUD, 1905/2021, p. 143).

A relação com o outro se mostra imprescindível no que tange a investigação a respeito do luto, visto que Freud (1914a/2019) nos mostra que é preciso um outro que ocupe a função de cuidado, que vai investir libido na ideia de que há um sujeito ali onde, em um primeiro momento, há um bebê desamparado que não se mantém vivo sem um outro que se atenha às suas necessidades. Todo esse investimento da figura parental, tomada pelo bebê como objeto sexual (FREUD, 1914a/2019), contribui para que ele possa refazer esse investimento direcionando-o ao Eu.

Sobre o advento do Eu, Freud afirma que “[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido.” (FREUD, 1914a/2019, p. 18-19) evidenciando que, no primeiro momento, não há diferenciação entre o bebê e a figura parental que através de cuidados o investe libidinalmente. Contudo, por via da identificação que é criada com este outro cuidador, uma nova ação psíquica se forma, é adicionada ao narcisismo e possibilita o primeiro esboço de Eu.

O Eu, ao se antecipar como inteiro, ainda que pelo olhar idealizado do outro, investe em si próprio como objeto. Esse investimento possibilita a criação de uma imagem de si preenchida libidinalmente, que de forma incipiente já começa a entender que existe uma imagem possível de ser amada, onde não há limites que a impeça de usufruir dos bens que se apresentam para ela. Tal processo é fundamental para a base da autoestima. Como comenta Freud:

doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da criação (FREUD, 1914/2019, p. 37).

A figura parental, buscando recuperar algo de seu próprio narcisismo que precisou ser abandonado, elege esse lugar para o bebê e deposita nele todas as fantasias e sonhos que

estavam perdidos até então em si mesmo (FREUD, 1914a/2019). Logo, podemos entender que o desenvolvimento humano nunca é sem um investimento e laço com o outro, uma vez que mesmo seu investimento em si depende de um outro que o acolhe, cuida e investe libidinalmente. Essa primeira ligação que possibilita um investimento no Eu é essencial para entendermos o amor próprio e a capacidade de renunciar diante de situações que possam ameaçar essa perda de libido que se confluem em um reservatório no Eu. Ou seja, podemos entender que em muitos casos, a realização de um luto se liga à capacidade do sujeito ter sido investido como objeto de amor pelo outro, de modo que ele retornasse esse investimento para si, se vendo como um ser amado.

No entanto, é importante que os investimentos dirigidos ao Eu posteriormente sejam direcionados também aos objetos do mundo externo. Podemos ver pela seguinte formulação:

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam (FREUD, 1914/2019, p. 17).

A necessidade de investir em outros objetos do mundo externo acha explicação na necessidade de amar como uma defesa para que o excesso de libido no Eu não produza adoecimento, como nos casos de psicose. O amor, aqui, é sinônimo de investimento libidinal, como Freud (1916a/2019) aproxima no texto *A transitoriedade*, ao chamar a libido de “capacidade amorosa” que possuímos para investir.

Fez-se necessário elucidar, de forma rápida, como são empregados os conceitos de pulsão e libido nas obras freudianas, de modo a entender a importância dos investimentos que o sujeito emprega e como a construção do laço com o outro implica no primeiro apaziguamento do desconforto, o que é sentido pelo sujeito como uma experiência mítica de satisfação (FREUD, 1895b/1990); e como contribui para a primeira experiência de Eu, pautada no laço libidinal, através do narcisismo (FREUD, 1914/2019). Ao entendermos a importância das primeiras relações objetais e como elas moldam o sujeito, podemos voltar para a relação entre dor e luto, possuindo melhor entendimento acerca da dificuldade de separação do outro e da posição libidinal que este implica.

1.3 Luto como o amor remanescente

Temos o afeto do amor como um paradoxo interessante que nos salva de adoecer em nós mesmos e ao mesmo tempo é uma das condições de possibilidade para que um trabalho de luto seja necessário. Segundo Freud, “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 1914/2019, p. 29). A afirmação demarca, novamente, o quanto amar, também no sentido de investir no mundo externo, é imprescindível para o desenvolvimento do Eu, mas ao mesmo tempo tem como consequência possíveis mal-estares ao se deparar com a perda.

O luto, para Nasio (1996), se trata da dor remanescente do amor que um sujeito sente pelo outro que se foi. Quando a realidade exige que o sujeito acabe com os investimentos feitos ao objeto perdido, estamos entendendo que pede-se ao sujeito para que se afaste de um objeto amado com o qual se mantinha um laço libidinal. O luto só é possível através de uma separação, mesmo que seja exclusivamente psíquica. Contudo, a ruptura se mostra difícil e, como pontua Freud (1917[1915]/2019), abandonar essa relação, pautada no laço libidinal, mesmo quando pode-se investir em outras coisas não é realizada imediatamente e pode ser sentida como dolorosa, uma vez que entendemos que fazer associações de caráter libidinal é imprescindível para o desenvolvimento e manutenção do sujeito.

Um dos pontos essenciais da dor psíquica que o sujeito sofre se situa na relação que foi investida e agora precisa ser desfeita. Segundo Nasio, “ao contrário da dor corporal causada por um ferimento, a dor psíquica ocorre sem agressão aos tecidos. O motivo que a desencadeia não se localiza na carne, mas no laço entre aquele que ama e seu objeto amado.” (NASIO, 1996, p. 25). Ele acrescenta que “a ruptura de um laço amoroso provoca um estado de choque semelhante àquele que é induzido por uma violenta agressão física: a homeostase do sistema psíquico é rompida, e o princípio de prazer abolido” (NASIO, 1996, p. 25). Assim, a dor pode ser sentida não somente pela ruptura ser do laço com o objeto amoroso, mas também pelo superinvestimento na ideia do objeto perdido, podendo dizer que a dor da falta, nesses casos, também exprime a presença intensa do objeto na economia libidinal do sujeito.

Podemos entender esse superinvestimento, em termos de prolongamento da existência do objeto perdido na psique, como uma outra forma de sentir a dor no processo de luto. Investir em alguém que está ausente sem que se possa criar uma memória desse objeto, não necessitando da presença física para amá-lo leva tempo. Podemos tomar como exemplo mais recente, a pandemia do COVID-19, em que muitas pessoas perderam seus entes queridos sem a possibilidade de praticar seus rituais de despedida. A impossibilidade de ter um tempo para

ver a pessoa e dar um adeus necessário se mostrou como uma dificuldade, em muitos casos, para subjetivar a perda.

Bassoli & Matos (2020) relatam um caso no hospital, na época que haviam muitos casos graves em internação, em que a filha de um paciente não conseguia acreditar que o pai tinha realmente falecido e esperava que ele aparecesse em casa, como se fosse voltar de viagem a qualquer momento. Neste caso, até pela dificuldade da despedida, onde não era possível ver o estado do pai, ela buscou superinvestir energia psíquica na imagem do pai voltando para casa, se demorando nesses pensamentos que tinham função de evitar uma certa dor, mas paradoxalmente, começavam a apresentar mal estar, uma vez que o pai não volta pra casa.

Em um segundo momento, quando a dor já não se mostrou mais suportável diante da realidade exposta, ela precisou fazer um trabalho de desinvestir desta e de outras ideias relacionadas ao pai, resignificando algumas memórias. É comum, nesses momentos de dificuldade de elaboração, que haja uma suspensão dos investimentos para a fantasia (FREUD, 1914/2019).

Após o desinvestimento, que leva um certo tempo, a energia que antes era investida fica livre à espera de um tratamento que a dirija a novos investimentos. A não realização deste, pode resultar, de forma mais complexa, em processos patológicos, como a melancolia, que será descrita melhor no capítulo três deste trabalho.

1.4 Luto e angústia

O mais importante no momento é demarcar que o congelamento do processo também resulta em angústia de ter uma representação que não esteja ligada a nenhum afeto, o que aumenta as excitações do aparelho psíquico e conseqüentemente, o desprazer sentido pelo sujeito. Mais adiante, podemos entender a ligação que o autor em faz relação do luto com a angústia, buscando entender quando ocorre um estado ou outro, entendendo que também podem ocorrer simultaneamente. Ele se detém sobre o tema na parte complementar intitulada "Angústia, dor e luto", do texto *Inibição, sintoma e angústia* (1926). Ainda que tenha apontado em obras passadas a dificuldade de avançar na questão da dor, Freud, nesse momento, já dispunha de mecanismos mais elaborados para abordar o tema da dor de que trata o luto.

Em muitos casos, a angústia pode ser experimentada pelos sujeitos quando se deparam com um cenário onde percebem que podem perder o objeto, como vemos a

formulação adiante, “a angústia vem a ser uma reação ao perigo da perda do objeto” (FREUD, 1926/2021, p. 119). O autor exemplifica o receio de perder o objeto, a partir do bebê que não possui capacidade de discernir se a mãe está ausente por um momento ou se foi perdida para sempre. A angústia sentida por ele é vivida com intenso desprazer, uma vez que ele ainda não dispõe de mecanismos para fazer a experiência de ausência do objeto, acreditando que ele realmente foi perdido (FREUD, 1926/2021). É válido ressaltar que em muitos casos, a angústia pode se expressar por medo de perder o lugar que se tinha para aquele objeto que se foi (FREUD, 1926/2021).

Ao investigar o processo de dor física e psíquica, o autor explica que o afeto penoso engendrado no processo de separação do objeto consiste no mesmo mecanismo da dor. Assim como ele denomina o luto a reação à perda do objeto, ele o faz com a dor psíquica, afirmando que esta é a reação propriamente dita à perda daquele que se foi (FREUD, 1926/2014). A exigência pulsional que incide tanto para o corpo, quanto para o psiquismo, diante da perda do objeto, promove a sensação de que a dor psíquica também é física.

No que diz respeito a investimentos e desinvestimentos, entendemos que a libido se comporta como uma balança, onde há momentos em que o sujeito está direcionando-a para o mundo externo com muito afinco e em outros momentos, mais provisórios, retorna para si (FREUD, 1914a/2019). Essa capacidade do sujeito retomar a libido investida nos objetos, para o seu Eu é chamada de narcisismo secundário. Diante de um adoecimento, tal trabalho contribui para que o sujeito concentre suas energias na parte específica do corpo que promove sofrimento, podendo restabelecer o seu Eu. Como enunciado, “[...] alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento.” (FREUD, 1914/2019, pp. 25-26). Este trabalho se assemelha com a posição do enlutado da qual discutimos anteriormente, que, temporariamente, se volta contra o mundo externo para investir na memória do objeto perdido.

Em 1926, Freud nos mostra que o objeto perdido é investido pelo sujeito como se fosse a parte do corpo doente. Assim, ele pode ser o alvo da dor psíquica, como na dor física uma parte do corpo se torna alvo do investimento de origem narcísica. Mais uma vez, o autor demarca que a dor psíquica se trata do investimento no objeto perdido, ao escrever que “a passagem de dor física para a dor psíquica corresponde à mudança de investimento narcísico para objetual.” (FREUD, 1926/2014, p. 123).

Diante da perda do objeto que obtinha grande investimento, a reação se manifesta em caráter de dor (FREUD, 1926/2014), o que é pontuado com mais clareza no texto acerca da possibilidade de convergir os dois mecanismos de dor:

[...] o forte investimento com anseio no objeto que faz falta (perdido), sempre crescente porque não pode ser acalmado, cria as mesmas condições econômicas que o investimento no local ferido do corpo e torna possível ignorar o pré-requisito da origem periférica da dor física [...] a natureza contínua do processo de investimento e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo psíquico (FREUD, 1926/2021, pp. 91-92)

O autor explica como o apego e o processo de separação do objeto no luto implica no caráter doloroso, afirmando se tratar principalmente do “elevado e irrealizável investimento com anseio no objeto, na reprodução das situações em que a ligação ao objeto deve ser dissolvida” (FREUD, 1926/2021, p. 92). Todavia, assim como na dor da doença orgânica, onde o “[...] doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se” (FREUD, 1914a/2019, p. 26), o enlutado desinveste do objeto perdido, realizando os desligamentos necessários e sua libido se torna livre para que se possa investir em outros objetos novos e que muitas vezes, pode despertar um brilho libidinal mais forte (FREUD, 1916a/2019).

É de suma importância enfatizar que investir em outros objetos não apaga o que o objeto perdido significou para o sujeito, mas o trabalho de luto pressupõe redistribuição dos investimentos para laços mais alinhados ao bem estar do sujeito. Mais adiante, será explicitado como o sujeito segue adiante uma vez que conseguiu se identificar com um traço desse objeto, não necessitando que o mesmo estivesse presente para ser amado.

Após investigado o que provoca a dor do luto, conseguimos entender o porquê o trabalho ser tão doloroso. Freud demarca que a realidade vence em relação ao sujeito, mostrando que o objeto não existe, o que faz com que o sujeito, ao fim do trabalho doloroso, desfça suas conexões. O sujeito também abandona o objeto também pelas “satisfações narcísicas em estar vivo” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 189), demonstrando a escolha pela vida mesmo em situações que tiram uma certa noção de bem-estar do seu Eu.

A partir disso, buscamos entender por quais razões o sujeito consegue finalizar este trabalho e quais são as bases psíquicas para que isso ocorra. Se mostra necessário, então, entender o luto como fundamental para a constituição do sujeito, investigando, de forma minuciosa, como este contribui para o advento de um sujeito civilizado, que se desenvolve construindo uma disposição libidinal para empreender tal trabalho ao longo de sua vida.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO LUTO NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: A AQUISIÇÃO DA CAPACIDADE DE RENUNCIAR PARA SE ESTRUTURAR

A ênfase que Freud coloca na perda que promove o trabalho de luto, como vimos, é colocada na experiência de um ente amado que faleceu, como explicita o autor ao dizer que há uma “[...] perda de interesse no mundo externo na medida em que não lembra o falecido [...] e o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido” (FREUD, 1917[1915], p. 173). Contudo, é possível observar ao longo da obra freudiana que o tema do luto foi abordado de formas indiretas, como um pressuposto necessário à sua exploração sobre a condição humana. Podemos verificar contribuições ao tema do luto de forma implícita quando Freud o aborda pela via da definição das diferentes modalidades de elaboração dos estímulos presentes no aparelho psíquico, no *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895); pelos processos psíquicos que acontecem na passagem da infância para adolescência, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905); e pela constituição psíquica do ser civilizado pela via mítica em *Totem e tabu* (FREUD, 1912-1913).

Tentaremos demarcar o que se pode aprender sobre o trabalho de luto a partir desses tempos da elaboração freudiana. Freud define que o luto é “um grande enigma, um desses fenômenos que em si não são explicados, mas que se relacionam com coisas obscuras.” (FREUD, 1916a/2019, p. 250). Em vista disso, se faz necessário explicitar como o luto tem valor constitutivo na obra freudiana, sendo uma ação imprescindível para o advento do sujeito civilizado que vai dispor de mecanismos para realizar esse trabalho psíquico.

No entanto, abordar o luto do ponto de vista de um recurso do funcionamento psíquico capaz de fundar uma nova posição subjetiva frente ao inevitável encontro com a perda não é algo tão explicitamente encontrado na obra freudiana. A esse respeito, Dunker afirma que:

o luto não é só um evento, o luto é um modo de subjetivação, é um modo de relação com o outro permanente. Então nós estamos permanentemente em luto porque permanentemente temos que nos haver com a perda de ideais, ideias abstratas e coisas congênicas (DUNKER, 2019, p. 32).

Além disso, afirmar que o trabalho de luto se atualiza durante toda a vida nos permite traçar um panorama da obra freudiana que tem seu ponto basal na noção do desamparo e da

falta estrutural, remetendo ao modo de relação com o objeto perdido e sobre como o sujeito encara as adversidades da vida que atualizam a exigência de suportar o desencontro e o fracasso da ilusão de plena satisfação.

2.1 Mito da horda primeva como o processo de elaboração de um luto que funda a cultura

O trabalho do luto marca uma diferença fundamental, um antes e depois irreversível na economia psíquica. Como já indicamos, é uma atividade psíquica que requer que assumamos uma nova posição ao final deste processo. Pressupõe, como vimos, a capacidade de se voltar para um novo investimento libidinal que não seja mais o objeto que foi perdido, mas nunca sem adquirir algo dessa experiência. Então, ao abordar o tema do luto, estamos falando da via de acesso para uma nova atitude frente à vida, de algo que acrescenta ao sujeito uma nova forma de lidar com o que até então se apresentava para ele como a única realidade que ele conhecia.

Freud busca, através do mito contado em *Totem e tabu* (1912-1913), busca demarcar a passagem dos homens primitivos ao estado de sujeito civilizado que realiza uma renúncia fundamental para a entrada no convívio social, com leis e normas das quais todos compartilham. O mito relatado no texto nos possibilita entender a importância da função paterna através da história do pai da horda primitiva, que, morto pelos filhos, se torna mais poderoso do que antes vivo, transmitindo a impossibilidade da satisfação absoluta (FREUD, 1912-1913/2021).

A narrativa que se apresenta no texto demonstra como os filhos invejam e reivindicam a posição do pai, evidenciando uma rivalidade que os une como aqueles que não detêm o que, em suas percepções, só o pai na posição tirânica de gozador poderia ter. Uma vez que nenhum dos irmãos pode se eximir do assassinato, já que se encontram unidos pela hostilidade e pelo pacto, matam o pai e se juntam para comer seus restos, na crença de que este ritual, que resulta em uma refeição totêmica, faça com que cada um adquira a força e o lugar daquele que foi morto. Freud comenta que “[...] os membros do clã estão vestidos à semelhança do totem, imitam-no em sons e movimentos, como se quisesse enfatizar sua identidade e a dele.” (FREUD, 1912-1913/2021, p. 214) e acrescenta “vimos que os membros do clã se sacralizam mediante o consumo do totem, reforçam a identificação com ele e entre si.” (FREUD, 1912-1913/2021, p. 215). O ato de comer o pai assassinado tem valor de uma

tentativa de identificação mais primitiva, onde, através da incorporação literal, procura-se tornar um pedaço do objeto seu.

No entanto, o que se apresenta para os irmãos é um problema que aponta para uma impossibilidade: não é possível que alguém ocupe o lugar do pai. Este, depois de ausente, se tornou mais presente. Seu assassinato resultou em uma série de proibições, instauradas pelos próprios irmãos, visando assegurar o bem-estar social no qual eles viviam. É através desse ato que surgem as normas, proibições morais, religião e organizações sociais (FREUD, 1912-1913/2021).

Nos perguntamos: como ocorre a passagem da natureza à cultura no mito? Como vimos, é possível obter uma resposta se atentando ao momento em que os irmãos consentem que não podem ocupar o lugar do pai morto porque a tentativa implicaria em sua própria destruição, restando a eles a possibilidade de se identificar parcialmente e se servir da figura que agora ocupa o lugar de totem. De acordo com Freud:

também favorece essa nova atitude emocional o fato de que o ato não podia dar plena satisfação a nenhum dos que o realizaram. De certo ponto de vista, ocorreria em vão. Nenhum dos filhos pode concretizar seu desejo original de tomar o posto do pai. E o fracasso, como sabemos, é muito mais propício à reação moral do que a satisfação (FREUD, 1912-1913/2021, p. 218)

Assim, entendemos que essa passagem de um estado a outro é possibilitada a partir da realização do luto do pai morto, encontrando uma saída pela via da identificação, não no sentido de tomar seu lugar, mas de forma a consentir com os valores transmitidos. Afinal, o pai, embora hostilizado, também era amado e a identificação se mostra como “[...] a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” (FREUD, 1921/2020, p. 60).

A ambivalência presente em relação à morte já havia sido explorada por Freud (1912-1913/2021) a partir do tabu dos mortos. Segundo ele, um receio sobre o poder dos mortos de lhes causar algum mal tinha relação com uma projeção do indivíduo que inconscientemente nutria uma hostilidade para com aquele que se foi. Contudo, tal sentimento se mostra temporário, pois o luto pressupõe um trabalho de redistribuir essas energias, impedindo que o sujeito fique à mercê de impulsos hostis. Com relação a este trabalho, Freud afirma que:

Cabe ao luto uma tarefa psíquica bastante específica, ele deve desprender dos mortos às recordações e expectativas dos que lhes sobrevivem. Uma vez realizado esse trabalho, a dor se atenua; com ela, o arrependimento e a recriminação, e, portanto, também o medo dos demônios. Os mesmos espíritos que inicialmente eram temidos como demônios, passam a ter o destino mais amigável de serem

venerados como ancestrais e solicitados a prestar ajuda (FREUD, 1912-1913/2021, p. 107).

O pai morto, deslocado para o lugar de totem, adquire a posição do “[...] ancestral comum do clã, mas também espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos [...]” (FREUD, 1912-1913/2021, pp. 19-20) e transmite a interdição, implicando em uma renúncia de uma satisfação incestuosa que já estava interdita desde o início, sem a possibilidade de ocorrer pelas vias culturais. A partir disso, há o reconhecimento da posição de autoridade que a renúncia implica, resultando na internalização de uma proibição por parte dos filhos. Segundo Freud,

aquilo que antes ele impedia com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da obediência *a posteriori*, tão conhecida nas psicanálises. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram a consequência dele, privando-se das mulheres que estão liberadas. Assim, criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietam a sociedade primitiva (FREUD, 1912-1913/2021, p. 219).

2.2 Constituição do eu como efeito do trabalho de luto com a dissolução do complexo do Édipo

A partir do mito do pai primevo, temos como ponto de partida duas proibições primordiais importantes para o advento da cultura: a interdição do incesto e do parricídio. Essas se mantêm, como herança filogenética, na base do complexo de Édipo, que é um tempo de constituição imprescindível para o desenvolvimento psíquico do sujeito (FREUD, 1923/2020).

A renúncia fundamental que convoca o sujeito a uma tomada de posição mais adulta e possibilita a entrada na vida cultural ocorre na passagem da infância à puberdade (FREUD, 1905). Podemos propor, então, uma investigação do complexo de Édipo como um tempo da constituição que vai convocar a criança a fazer um luto, isto é, uma renúncia da posição infantil de objeto cuidado que ela ocupava na dinâmica familiar. Este fator é decisivo para sua estruturação psíquica e seu processo de humanização.

Freud definiu o conceito do complexo de Édipo a partir da lenda grega de Sófocles, apontando o caráter inevitável de destino que esse processo apresenta (FREUD, 1940/2021), nos remetendo, novamente, aos conflitos transgeracionais que fundamentam a cultura. Na

mitologia, Édipo Rei foge de casa para tentar impedir o destino oracular de que ele causaria a morte de seu pai e ficaria com sua mãe; mas é justamente ao tentar se afastar disso que ele cumpre a profecia. Édipo foge e se casa com uma mulher logo após duelar e matar um cavaleiro, sem saber que era adotado e que na verdade, estes eram seus pais biológicos. A tragédia mostra que Édipo realiza o desejo incestuoso e parricida de forma inconsciente, nos atentando para a estrutura mítica narrada em “Totem e tabu”, em que os irmãos matam o pai na tentativa de obter o gozo absoluto. Segundo Freud:

O não-saber de Édipo é a legítima representação da inconsciência na qual, para os adultos, toda a vivência afundou-se, e a coerção do oráculo, que inocenta ou deveria inocentar o herói, é um reconhecimento da inevitabilidade do destino que condenou todos os filhos a passar pelo complexo de Édipo (FREUD, 1940/2021, p. 137).

Como vimos, a cultura é fundada na renúncia do gozo em prol de uma vivência coletiva que admite a falta de um objeto absoluto e procura organizar suas necessidades de satisfação através dos laços culturais. Ao renunciarem a busca por tomar vorazmente o lugar do pai morto, os irmãos escolhem abrir mão do individual pelo coletivo. Assim, entendemos que os mitos buscam traduzir uma relação do homem com predisposição da aquisição à cultura que não é facilmente explicada, mas que se repetem transgeracionalmente, visto que “a civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual, e exige de cada ‘recém-chegado’ essa mesma renúncia” (FREUD, 1915a/2019, p. 220).

O que Freud busca mostrar com os mitos é que chegamos ao mundo com uma herança deixada para a civilização - a predisposição à cultura - no entanto, também é preciso que seja feito um trabalho psíquico, através do complexo de Édipo, que implica em um tratamento das exigências internas, direcionando-as para esse meio cultural (FREUD, 1915a/2019). Freud destaca a transmissão inconsciente em jogo nesse processo de aquisição da cultura ao dizer que “as pessoas que hoje vêm ao mundo trazem consigo, como organização herdada, alguma tendência (predisposição) para transformar os instintos egoístas em sociais, a qual bastam leves incitamentos para realizar essa transformação” (FREUD, 1915a/2019, p. 221). E mostra-se de suma importância enfatizar que o trabalho de luto é necessário nesse processo, porque ainda que a proibição do incesto seja uma herança, “o indivíduo ainda luta intensamente com a tentação do incesto em seu desenvolvimento e muitas vezes sucumbe a ela na fantasia e até mesmo na realidade” (FREUD, 1905/2021, p. 148).

Como um processo que é universal, entendemos então que todos os seres humanos precisam lidar com essa tarefa do complexo de Édipo, que contribui para a aquisição psíquica

de ferramentas que auxiliam na capacidade de consentir com a perda da satisfação obtida ao longo do desenvolvimento (FREUD, 1905/2021). No primeiro capítulo, busquei explicar que esta satisfação é experimentada em contato com o outro que se ocupou da conservação da criança através de um cuidado particular, que inclui a particularidade de seu desejo. A mãe, nesse caso, é o objeto privilegiado da criança, tornando-se sua primeira escolha de objeto. O que se apresenta no curso posterior do desenvolvimento com a chegada da puberdade, é uma convocação pela renúncia dos objetos infantis - os pais - para que haja uma escolha por outros da cultura, incluindo as novas parcerias amorosas (FREUD, 1905/2021).

Podemos observar esse curso de desenvolvimento no caso clínico descrito por Freud, sobre um menino de cinco anos que desenvolveu uma fobia no momento em que precisou responder aos conflitos que o complexo de Édipo suscita. Ao se encontrar com a dificuldade de se separar de sua mãe, sem o auxílio necessário para elaborar o que essa perda de lugar promove, o pequeno Hans sucumbiu a uma fobia que consistia no medo de ser mordido por um cavalo. Freud demonstrou como o objeto da fobia - o cavalo - era uma representação do pai de Hans, elucidando que este, na verdade, seria quem Hans realmente temia, visto que ele ocupava o lugar de agente da castração (FREUD, 1909/2021).

Freud (1909/2021) dizia que Hans tinha o desenvolvimento precoce, uma vez que foi tomado pela curiosidade sexual que promovia sua pesquisa infantil desde muito cedo. Ele tocava em seu órgão sexual, do qual chamava de “faz-pipi” e tinha pleno interesse em verificar se todos os seres o possuíam também. A análise demonstrou como Hans tinha atingido a fase fálica ao imaginar que todos, desde objetos inanimados, até mesmo sua mãe, possuíam um pênis. No momento em que começou a se ocupar demais da masturbação e do interesse pelo órgão, principalmente da mãe, a ameaça de castração - perda do órgão privilegiado - se apresentou.

A primeira ameaça, como acontece naturalmente, veio de sua mãe que invocou uma terceira pessoa, um médico, para castrar o menino caso ele não parasse de mexer no órgão. No entanto, tal ameaça não foi registrada por Hans, e somente com efeito a posteriori, a partir do momento em que: foi se aproximando mais das questões da sexualidade, enxergou o pai como aquele que poderia se colocar entre ele e a mãe e viu o órgão genital da Hanna, sua irmã recém-nascida, que a produção fóbica se acentuou e a castração se apresentou como possível de ocorrer (FREUD, 1909/2021).

A fobia, nesse caso, surgiu como uma solução que se apresentou, em termos lacanianos, no lugar do processo de separação com o Outro materno (LOPES, 2008). Poderíamos dizer que, ao ocorrer um congelamento desse processo de luto necessário, a fobia

é fabricada por Hans como resposta frente aos impasses desse tempo. As teorias que o menino vai fabricando, como por exemplo, afirmar que o órgão genital da irmã ainda vai crescer, também elucidam uma tentativa de lidar com os embaraços de não ter resposta para o desenvolvimento da sexualidade e o que isso significa.

As teorias sexuais, inclusive de ser castrado, ficam mais esclarecidas a partir dos mitos. Através deles, Freud consegue explicar porque toda criança é acometida pelo mesmo receio de perder esse órgão de suma importância. O mito criado auxilia na elaboração do problema de difícil solução para a criança (LACAN, 1956/1995), possibilitando que ela passe por esse tempo que a convoca a renunciar o lugar de privilégio ao lado da mãe, podendo optar pela escolha de se servir do pai que ocupa a função de quem possui respostas sobre o funcionamento do mundo. Freud (1909/2021), demonstra que o menino deposita na figura do pai um certo saber e faz análises que mostram que o pai poderia se utilizar dessa posição para introduzir um primeiro corte fundamental na fantasia de que a mãe possuiria um pênis, auxiliando na percepção fundamental de que existe diferença entre os sexos. Essa elaboração traz importantes aquisições lógicas para a criança. Freud exprime essa análise no seguinte trecho:

como, pela história prévia do menino, era lícito supor que sua libido se apegava ao desejo de ver o faz-pipi da mãe, o pai deveria lhe privar desse objetivo, informando-o o que a mãe, como todas as criaturas do sexo feminino - ele devia sabê-lo por Hanna - não tem um faz pipi. Esse último esclarecimento lhe seria dado em ocasião oportuna, em relação com alguma pergunta ou manifestação por parte de Hans (FREUD, 1909/2021, p. 150).

Por mais que as teorias sejam criações infantis, esses mitos se articulam com o trabalho de luto ao dar um destino para o que poderia causar angústia de não ter resposta *a priori*. De acordo com Lacan:

[...] o mito tem, no conjunto, um caráter de ficção. Mas esta ficção apresenta uma estabilidade que não a torna de modo algum maleável às modificações que lhe podem ser trazidas, ou, mais exatamente, que implica que toda modificação implica por sua vez, por essa razão, uma outra, sugerindo invariavelmente a noção de uma estrutura. Por outro lado, essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito (LACAN, 1956/1995, p. 258).

A verdade que se apresenta através do mito é que existe uma diferença sexual entre os seres e uma impossibilidade de continuar ligado à relação incestuosa. Assim, Freud observa um importante valor que o mito tem para, inclusive, apresentar a função paterna como aquela

que para além da posição de quem pode castrar, pode também ensinar um modo de se posicionar frente às adversidades da vida.

Em alguns momentos, Hans se questiona sobre a posição do pai e sua função na dinâmica familiar. Podemos evidenciar a partir do que o pai de Hans descreve em sua carta à Freud: “o resíduo não solucionado consiste em Hans quebrar a cabeça pensando no que o pai tem a ver com o filho, se é a mãe que o traz ao mundo. É o que podemos deduzir de perguntas como: ‘eu sou seu também, não é?’” (FREUD, 1905/2021, p. 233).

Nos perguntamos também: qual a função de um pai nesse processo de tomada de uma nova posição? A função paterna auxilia em um contorno das exigências pulsionais primitivas que encontram novas vias mais alinhadas à cultura para se satisfazer (OLIVEIRA, 2022). Seu aparecimento no complexo de Édipo fornece o auxílio, através da identificação, para que seja possível contornar o mal-estar sem ser tragado pelos desafios da separação primária com o objeto materno. Contudo, o processo edípico não é linear e a ambivalência afetiva se apresenta em diversos momentos, como no caso do pequeno Hans, em que podemos constatar que “ele é realmente um pequeno Édipo, que gostaria de ter o pai ‘longe’, eliminado, a fim de ficar só com a bela mãe, de dormir com ela” (FREUD, 1909/2021, p. 245). Freud acrescenta que o menino tinha fantasias de morte do pai, mas também descreve a distorção de seus sentimentos, enfatizando que:

Hans também ama profundamente o pai, por quem nutre esses desejos de morte, e, enquanto sua inteligência põe reparos à contradição, ele não pode deixar de provar a existência dela, batendo no pai, e, logo em seguida, beijando no lugar acertado (FREUD, 1909/2021, p. 246).

O que é curioso de observar no caso Hans, é que é possível colher as consequências do pai se ocupando da função paterna e dos momentos em que ele se abstém dela, o que contribui para a ambivalência da relação. Em alguns momentos, o menino gostaria que o pai fosse embora para que ele usufruísse de tempo um sozinho com a mãe, mas no momento em que isso ocorreu, por causa da viagem que o pai precisou fazer, Hans se sentiu angustiado porque sem a função paterna presente, a relação incestuosa se fortificou (FREUD, 1909/2021).

O ponto fundamental que precisamos demarcar é que tanto Freud quanto Lacan, apontam para a importância da função paterna de mediar a relação do menino com a mãe, sendo a figura imprescindível na elaboração do luto. Contudo, vemos que Freud (1909/2021) trabalha por vias de enfatizar o medo que Hans possuía da castração, sem deixar de pontuar que em, certos momentos, o pai do menino poderia ter sido mais ágil em interferir nas

fantasias dele, exercendo sua função; enquanto Lacan (1956/1995), se detém sobre uma suplência do menino por esta função, ainda que também tenha receio dela. O menino já entende, em certa medida, que essa função pode trazer um respiro narcísico, possibilitando que ele se separe de sua mãe e de suas demandas, ainda que deseje estar em uma posição que é amado por ela. Nesse sentido:

[...] se a satisfação amorosa no complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (FREUD, 1923/2020, p. 208).

Hans se vê tomado por uma angústia que traduz a falta de ferramentas que possam ajudá-lo a contornar o lugar de amor que ele se sente compelido a ocupar. O pai interditor precisa promover uma barra que auxilia no deslocamento desse cenário conflituoso, possibilitando que o menino possa construir modos de satisfação para além daqueles obtidos com a mãe. A função paterna que se apresenta como castradora, também aponta para a escolha de si mesmo, da satisfação narcísica de estar em vivo (FREUD, 1917[1915]/2019), e nesse tempo das teorias infantis, de manter o órgão privilegiado a salvo. Essa escolha se torna mais importante que continuar ligado à mãe, e a partir disso, é possível desligar, de forma parcial, os investimentos dirigidos a essa figura e se identificar com o pai que ocupa sua função (FREUD, 1923/2020). Nos referimos à “função” que o pai precisa ocupar, porque isso demonstra que ele também é castrado e pôde produzir uma forma de se posicionar frente à vida, contornando essa situação que se apresenta para todos. Ser o agente da castração é poder transmitir algo de uma lei que também o atravessa e isso é fundamental no processo de identificação.

A identificação com o pai ao fim do complexo de Édipo é o que possibilita a construção do Supereu pós edípico, instância que internaliza a figura do pai e é capaz de regular uma nova forma de relação com as exigências da vida, que permite o que é possível e o que não é, sem um imperativo que seja esmagador. A fantasia de castração, ainda que se limite aos “estímulos e efeitos vinculados à perda do pênis” (FREUD, 1909/2021, p. 126), contribui para processos cognitivos que admitem a perda real em outros momentos da vida.

Todo esse processo vivido pela criança tem efeitos reais na passagem para a puberdade, onde é preciso escolher novos objetos de amor, fazer escolhas mais avançadas a nível intelectual e deixar os conflitos do tempo edípico para trás (FREUD, 1905/2021). A identificação com o pai é fundamental, pois também permite uma forma de relação que

enxerga a presença na ausência, visto que os ditos paternos auxiliam o sujeito sem que este esteja presente em todos os momentos da vida.

Para que o processo de luto ocorra, é preciso que passado todo esse processo, a formação do Supereu pós edípico articulado com o Ideal do eu opere. O Supereu pós edípico é a instância psíquica herdeira do complexo de Édipo e assegura a integridade do sujeito, auxiliando na escolha pela vida (FREUD, 1923/2020). A partir dessas gradações simbólicas do Eu, é possível que o sujeito se sirva de uma interdição que passa a servir a algum propósito que toca na dimensão do que o sujeito deseja se tornar, obter para si e fazer laço (OLIVEIRA, 2021). O Ideal do eu torna as exigências superegóicas mais suportáveis, auxilia na capacidade de fazer renúncias e admite que algumas perdas sejam necessárias para que se obtenha ganhos mais duradouros.

Explicamos anteriormente que o bebê passa por uma experiência alucinatória de satisfação ao ser acolhido pela mãe em um momento de angústia de não ter resposta para lidar com o desamparo em que se encontra. Freud aponta que o bebê pode alucinar esse objeto em diversos momentos, buscando reencontrá-lo sempre em momentos que se sente desamparado (FREUD, 1895b/1990). Contudo, para que o aparelho se constitua, é necessário suportar a frustração oriunda da decepção de não ter o objeto amado, abandonando certo desejo alucinatório em prol de investir no mundo externo (FREUD, 1911/2020). Para que tal tarefa se realize, é preciso que o aparelho consiga elaborar um processo de distinguir o que é o objeto real e o que é mera alucinação, criando a capacidade de atribuir um juízo nessa escolha. Este processo secundário do aparelho psíquico busca suportar certa frustração direcionando a busca para objetos da realidade que relembrem aquele objeto perdido através de um traço (FREUD, 1895b/1990).

Anos depois, em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2019), volta a discutir o tema da renúncia de objetos alucinatórios em prol de objetos reais, contudo, desta vez, o próprio Eu é o objeto tema de pesquisa. Para que o sujeito se constitua, é preciso que o seu Eu advenha do Isso, instância psíquica que diz respeito à posição de objeto agido pelo outro (FREUD, 1923/2020). Nos constituímos como Eu ideal, que é uma imagem antecipada de um Eu ainda muito débil. O Eu, neste momento ainda indiferenciado das figuras parentais, se antecipa como a imagem e semelhança do objeto de amor dos pais, como aquele que poderia preenchê-los (FREUD, 1914/2019). Há, nesse processo, um passo importante a ser feito para que o eu chegue a uma nova posição subjetiva com novas aquisições possíveis frente à realidade da castração (OLIVEIRA, 2021). É imprescindível que ocorra um luto do Eu ideal, da imagem majestosa que o Eu achava que possuía, juntamente com a posição que pensava

ocupar, para que algo dessa adesividade à fala do outro mantenha uma separação entre quem o sujeito é o que ele quer ser. Esse processo permite que o sujeito possa constituir um Ideal do Eu que o diferencie dos Outros parentais, não se servir deles, levando como meta no horizonte apenas um traço organizador dessa satisfação narcísica (OLIVEIRA, 2021). O eu da cultura é efeito de uma renúncia da posição que achava que tinha no desejo do outro, nas palavras de Freud, “o caráter do eu é um precipitado dos investimentos objetivos abandonados” (FREUD, 1923/2020, p. 36).

Todo processo permite, como explicitado anteriormente, a entrada na cultura através de uma posição mais desejante. Segundo Oliveira e Coelho dos Santos (2022), “a boa constituição do eu depende de que a perda do objeto incestuoso seja compensada pelo advento da identificação ao ideal pós edípico veiculado pela transmissão paterna” (p. 59). É a partir desse ponto que o sujeito se volta para as relações amorosas e reencontra o objeto através de um traço. Entendemos então, que o processo de luto fundamental para o funcionamento do aparelho psíquico e, portanto, constituição do Eu, evidencia a busca por objetos reais, encontrados no mundo externo, em lugar daqueles alucinados na busca pelo objeto primeiro de satisfação. O Supereu pós-edípico intervém através da imposição de limites ao Isso, determinando que nem todo objeto é permitido e acessível ao eu (OLIVEIRA, 2021). Essa possibilidade de enxergar uma forma de laço com objetos que não são aqueles que perdeu, mas que podem trazer uma satisfação, é uma evidência de que o trabalho de luto encontrou sua eficácia (OLIVEIRA, 2021).

CAPÍTULO 3

3. LUTO E SEUS IMPASSES NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

3.1 Trabalho analítico como um trabalho de luto: recordar, repetir e elaborar

Como foi abordado ao longo do capítulo anterior, para que possamos nos constituir como sujeitos e adentrar na cultura, precisamos fazer um trabalho de renúncia pulsional. Esse trabalho psíquico pode ser aproximado da realização do luto da posição infantil de obtenção de satisfação dos objetos parentais, o que permite o acesso à capacidade de abrir mão daqueles em prol de novas parcerias libidinais e investimentos (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022).

Apesar de consentir em abrir mão desses objetos para que seja possível usufruir de uma posição mais desejante na cultura, é comum encontrarmos na clínica sujeitos neuróticos que demonstram um impasse nesse trabalho de renúncia. Para eles, foi possível abrir mão dos objetos primários de satisfação, na medida em que, diante de alguma frustração na realidade, pudessem contar com uma parcial suspensão desta, direcionando os investimentos para a fantasia (FREUD, 1914a/2019). Para Freud, a fantasia diz respeito à realidade psíquica do sujeito que se constrói a partir dos restos da relação com o outro que ele precisou abdicar. Sendo assim, a fantasia “[...] é um destino dado pelo sujeito a esses investimentos objetais, a fim de se esquivar da ferida narcísica imposta pela entrada no laço social” (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022, p. 135). Isto é, diz respeito aos desafios que viver em uma sociedade que, com leis e restrições desses impulsos sexuais mais primitivos, pode causar mal-estar e conflito psíquico (FREUD, 1913/2020).

Observamos que alguns pacientes chegam ao processo de análise quando os desafios para inscrição da perda de satisfação que exige a entrada na cultura causam abalo no arranjo narcísico que os estabilizavam. É comum que diante de escolhas importantes na vida, ou situações que implicam saída do ensino médio e entrada faculdade ou no emprego, causem uma necessidade de trabalho psíquico. Em outros casos, o desconforto pode aparecer quando os arranjos que o sujeito inventou para si, começam a produzir mais mal estar do que a própria situação constitutiva que fez com que eles recorressem à fantasia. Uma paciente, por

exemplo, chega à clínica se queixando de sempre estar em relações que "terminam mal", em que ela se doa muito e a pessoa a abandona no final. Os atendimentos nos ensinam que, na verdade, esse arranjo inconsciente que ela fez se relaciona a escolher pessoas que apresentam traços difíceis para que ela possa tentar transformar e melhorar a pessoa. A escolha por relações impossíveis ou que apresentam desafios nos remete à própria história do desenvolvimento dela e às figuras que ela precisou abrir mão.

Freud se pergunta por que as pessoas passam por situações parecidas e ao mesmo tempo respondem de forma diferente. Sua investigação o leva a entender que esses sujeitos neuróticos que chegam na análise lidam com um desarranjo que é indicativo da incapacidade de organizar seus processos internos e abrir mão de certas posições que são fixações em modos de satisfação infantis (FREUD, 1940/2021). A partir da falha do recalque, uma barra que o Eu do sujeito emprega como mecanismo psíquico na tentativa de impedir que impulsos sexuais do passado surjam a partir de sua inoperância e esquecimento (FREUD, 1915d/2019). É desta maneira que, nos neuróticos, os modos de satisfação vão encontrando retroativamente uma fixação em certos tempos lógicos do desenvolvimento psíquico onde se mantinha uma posição de objeto. Nas palavras de Freud:

Por intermédio da análise, podemos inferir que cada um dos nossos doentes se transportou de volta a certo período do seu passado nos sintomas de sua enfermidade e pelas consequências dele. Na maioria dos casos, escolheu para isso uma fase remota da vida, um período da infância [...] (FREUD, 1917/2019, p. 366).

Podemos dizer que, quando o sujeito se depara com situações difíceis que promovem algum mal-estar, algo desta perda inicial se atualiza. Diante dos modos de funcionamento que observamos na clínica, podemos nos deter melhor sobre o percurso do tratamento psicanalítico e como este se configura como um processo de luto. Coutinho Jorge (2021b), ao falar sobre a prática analítica, faz essa aproximação, afirmando que o próprio trabalho analítico pode ser equiparado ao trabalho de luto. No entanto, o que está em jogo nem sempre é da ordem da perda atual do objeto, se tratando mais de uma perda indireta, que remete aos tempos da constituição psíquica mais primitivos.

Para que possamos pensar na análise como um trabalho de luto, precisamos voltar nossa discussão ao começo da psicanálise e às mudanças necessárias que Freud efetuou para que a técnica analítica pudesse obter o êxito que apresenta até os dias de hoje. A psicanálise nasce a partir do abandono da hipnose, uma prática em que a cura da neurose buscava ser alcançada através do comando que o hipnotizador dirigia ao paciente, ordenando que cessasse sua doença. Contudo, após um período de tempo, a técnica se mostrava ineficaz, pois o

adoecimento psíquico retornava. Freud (1914b/2020), observou que o êxito da cura não era totalmente obtido porque se tratava de uma prática focada na eliminação dos sintomas e não em uma investigação minuciosa sobre o lugar e a função que tal sintoma podia exercer na vida do sujeito. Ao abandonar a antiga técnica e criar uma nova, Freud pôde se deparar com as resistências de certos conteúdos que denunciavam os pontos que precisavam ser melhor elaborados (FREUD, 1914b/2020).

A principal ferramenta da prática analítica é a associação livre, que coloca o paciente em uma posição de destaque em que ele pode falar abertamente sobre tudo o que lhe vier à mente, sem juízo de valores e receios. Segundo Freud, “[...] deve-se permitir que o paciente fale, deixando à sua escolha o ponto de partida.” (FREUD, 1912/2020, p. 180). Nessa posição distinta do modelo hipnótico, o paciente que fala sobre sua própria condição pode ditar os temas de trabalho, os desdobramentos e o que pode ser importante de trabalhar no momento, o que evidencia o processo da cura pela fala (BERNARDES, 2003).

O trabalho na análise se apresenta, então, como um processo que requer do paciente um espírito científico, de quem se põe a investigar as causas de seu sintoma e as dificuldades que falar sobre elas provoca (OLIVEIRA, 2021). Diante dessa posição mais ativa, podemos retomar o paralelo da clínica psicanalítica com o trabalho de luto, enfatizando que:

A entrada no dispositivo psicanalítico determina uma nova posição subjetiva. Ao contrário da passividade do sujeito submetido à ação do médico - nas diferentes terapias sugestivas ou no tratamento farmacológico - o método inventado por Freud demanda um engajamento de trabalho por parte do paciente (BERNARDES, 2003, p. 33).

Diante de algumas situações que exigem novas formas de ser e estar no mundo, entendemos que o trabalho de luto é sempre necessário e que experiências como essas atualizam a posição de desamparo dos sujeitos que precisam organizar mecanismos para lidar com a apropriação desse novo lugar (BERNARDES, 2003). Ao falarmos de desamparo, estamos fundamentalmente estabelecendo uma conexão com o objeto perdido que serve de apoio na experiência radical de desamparo vivida pelo sujeito na infância (FREUD, 1895b/1990). Isto posto, Coutinho Jorge aponta o processo de análise como um trabalho árduo e de desafios no que diz respeito a ser um espaço que evoca algo do reencontro com o objeto, ao dizer que:

o trabalho de análise pode ser identificado com o próprio trabalho de luto, na medida em que ambos são simbolizações da experiência da perda originária do

objeto, e na medida, igualmente, em que o luto coloca de forma radical o problema do objeto enquanto perdido (COUTINHO JORGE, 2021b, p.224-5).

A perda do objeto sendo atualizada na clínica remete ao próprio encontro incontornável com a castração, o que suscita impasses em muitos momentos. Ainda que a ferramenta que funda a psicanálise tenha dado uma autonomia para o sujeito, observa-se que, mesmo quando se podia falar livremente, o paciente dispunha de certas resistências em relação a alguns assuntos, demonstrando, a partir das perguntas do analista, um certo “esquecimento” que se manifestava a cada vez que a análise se aproximava das possíveis questões causadoras da doença (FREUD, 1914b/2020). Isto é, em vez de uma elaboração psíquica, o paciente produzia um esquecimento, que já denominamos anteriormente com maior precisão a partir do conceito de “recalque”, e logo atuava aquilo que devia ser capaz de expressar em palavras. Nesse sentido, a investigação de Freud (2014b/2020) o leva a elencar como a tríade essencial para êxito do trabalho analítico, o que elucida também o caráter do processo de luto em jogo: a capacidade do paciente de recordar, repetir e elaborar.

O recordar em análise mantém ligação com a transferência que é estabelecida com o clínico. Uma vez que o paciente cria uma transferência com o analista, ele o inclui em sua economia libidinal e atualiza objetos passados para essa figura (FREUD, 1917/2019). Segundo Freud, “toda essa disposição para o sentimento provém de outra parte, que ela já estava pronta no doente e, por ocasião do tratamento analítico, é transferida para a pessoa do médico” (FREUD, 1917/2019, p. 585). Todo esse processo não ocorre sem que possibilite uma reabertura que pode abrir para o novo e a invenção que só o trabalho de luto pode conduzir.

O trabalho de luto na clínica conta com essa aptidão simbólica para criar a transferência como uma satisfação substitutiva, uma vez que mostra que o sujeito consegue investir em algo para além do objeto perdido, ainda que vá atualizá-lo na figura do analista. Para que o trabalho de luto opere, o sujeito precisa se debruçar sobre as suas questões, e assim ele o faz, recordando e repetindo no espaço analítico, com o auxílio da transferência, que lhe permite atravessar seus pontos de fixação e reinvestir na realidade de forma revigorada. No entanto, em alguns casos, a elaboração não ocorre de início. Já outros casos demonstram uma ausência de recordação que também aponta para uma escolha inconsciente do sujeito (FREUD, 1914b/2020). Sinalizam uma resistência maior para esse novo despertar que o trabalho de luto propicia se bem-sucedido.

Ao se deparar com um sujeito que, em vez de recordar, produz um esquecimento na clínica, Freud (1914b/2020) nos atenta sobre a “política do avestruz” que enfia a cabeça no buraco buscando se esconder. A neurose, então, seria “[...] consequência de uma espécie de ignorância, de não saber de processos psíquicos acerca dos quais deveríamos saber” (FREUD, 1917/2019, p. 374). Esse comportamento ocorre com o paciente que, por vezes, demonstra esse “não querer saber” sobre seus sintomas, na medida em que “servem à satisfação sexual do doente, são um sucedâneo para essa satisfação, que lhes falta na vida” (FREUD, 1917/2019, p. 397), isto é, promovem um traço da satisfação perdida da qual é difícil abrir mão, ainda que seja possível usufruí-la apenas de forma parcial, através de um sintoma.

Esta resistência que implica na posição ignorante, por sua vez, reitera o mecanismo do recalque, que retira da consciência os pontos de impasse e mantém um investimento no objeto no inconsciente (FREUD, 1915c/2019),

[...] impedindo que um paciente neurótico possa dar um relato coerente da origem da sua doença. O recalque atua desfazendo, ou ocultando, as ligações entre os acontecimentos. [...] interfere essencialmente ocultando determinados pontos da narrativa da consciência (COELHO DOS SANTOS, 2003, p. 2).

A partir dos caminhos enfrentados em uma análise, Freud afirma que “o Eu não é senhor de sua própria casa” (FREUD, 1917/2019, p. 381). Ou seja, ainda que apostemos no sujeito que chega em análise procurando uma cura para seus sintomas, ele não é um aliado terapêutico durante todo o processo porque o seu inconsciente está sempre presente fazendo pressão para se manifestar. Assim, a neurose se caracteriza pela obtenção de satisfações substitutivas que se expressam através das formações do inconsciente - sintomas, atos falhos, chistes, lapsos - formadas a partir de um compromisso entre as exigências do Eu e do Id (FREUD, 1917/2019). Nas palavras de Freud:

O surgimento da neurose requer um conflito entre os desejos libidinais de uma pessoa e a parte do seu ser que denominamos seu Eu, que é a expressão de seus instintos de autoconservação e que inclui os ideais que tem de seu próprio ser. Um tal conflito patológico surge apenas quando a libido quer se lançar por vias e metas há muito superadas e condenadas por seu Eu, que então as proíbe para sempre, e isso a libido faz somente quando lhe é tirada a possibilidade de uma satisfação ideal, adequada ao Eu (FREUD, 1916b/2019, p. 261).

A resistência se apresenta como o Eu do sujeito fazendo força para que os impulsos inconscientes não se manifestem como um todo na consciência, porque tal sucesso do inconsciente ocasionaria em desprazer diante da imagem que o Eu tem de si mesmo

(FREUD, 1914b/2020). Desse modo, os impulsos conseguem se manifestar de modo distorcido, sem causar um desprazer tão grande para o sujeito. Na clínica, o analista lida com os restos, os pontos de fixação que não foram dissolvidos pelo processo do luto da separação com os objetos. Alguns desses restos, são não analisados, impedem que o sujeito produza elaborações e remanejamentos de sua posição, em vez de produzir sintomas que o levassem a maior sofrimento psíquico.

A partir do exposto, entendemos que o processo analítico se trata de um trabalho árduo, levando em consideração a dificuldade que alguns pacientes têm para abandonar suas posições que trazem satisfação inconsciente, ainda que o sofrimento apareça no discurso manifesto. O trabalho, então, consiste em tornar consciente ao sujeito o que está inconsciente e preencher essas lacunas da memória (FREUD, 1917/2019). Contudo, realizar tal tarefa através de uma interpretação rápida não surte efeito de alteração do seu estado psíquico e sua posição subjetiva, podendo configurar, inclusive, no abandono do processo terapêutico (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

O essencial do trabalho se dá com um processo de implicação do paciente diante das suas próprias resistências. O clínico as desvela ao paciente e trabalha diretamente com as fantasias que o sujeito criou como forma de suportar o mal-estar, o que é essencial para que, a partir de um certo tempo de elaboração, o sujeito consiga superar essa resistência (FREUD, 1914b/2020). A elaboração é fundamental nesse processo e nos dá pistas mais claras sobre a capacidade de fazer o luto na clínica.

Embora tenhamos descrito, a partir do apoio nos autores acima mencionados, que a neurose revela uma estrutura em que o sujeito não faz o luto completo da perda do objeto, é válido enfatizar que alguns processos neuróticos já pressupõem um esboço de sublimação, ou seja, a capacidade de desviar seus impulsos sexuais para outros com nova finalidade e alinhados à realidade (COUTINHO JORGE, 2021a). A neurose, podemos dizer, seria um processo de luto que é realizado pela metade. O sujeito sabe que perdeu o objeto, tenta substituí-lo por satisfações de outra ordem, mas estão sempre ligados a elas através da fantasia.

É importante mencionar que a clínica psicanalítica não visa a uma cura como a ausência completa dos restos sintomáticos mais singulares que constituem o sujeito. Porém, promove um ganho de saber que impossibilita que o sujeito continue na mesma posição, ou seja, “a análise proporciona condições para lidar com os conflitos sem que o lugar do sujeito seja anulado pelo sintoma, mas a cura dos sintomas vem por acréscimo; ela é efeito da tarefa analítica, e não um fim em si mesma” (COUTINHO JORGE, 2021a, p. 12). Nesse sentido,

Freud aborda um certo tipo de “trabalho psíquico” feito na clínica que promove mudança de posição, a qual podemos remeter ao luto da passagem de um modo de funcionamento a outro:

A consequência não é a eliminação dos sintomas, e sim outra: a de pôr em marcha a análise, e seus primeiros indícios são, muitas vezes, manifestações de desacordo do paciente. O doente fica sabendo de alguma coisa que até então não sabia - o sentido de seu sintoma - , no entanto, sabe-o tão pouco quanto antes. [...] mas parece correta a nossa tese de que os sintomas desaparecem a partir do saber acerca de seu sentido. Basta acrescentarmos que esse saber deve se basear em alguma modificação interior do doente, que pode ser provocada apenas por um trabalho psíquico com uma meta determinada (FREUD, 1917/2019, p. 376).

O trabalho de luto na clínica psicanalítica implica em uma responsabilização do sujeito pelo que ele se queixa, pelos sintomas que ele produz que lhe causam satisfação, ainda que em seu discurso se apresenta como um sofrimento e principalmente, possibilita elaborar que há um impossível na vida relacionado a uma satisfação completa. Há um dever ético em sair da posição de objeto para a posição de sujeito (OLIVEIRA, 2021). Quando Freud pergunta à Dora, sua paciente com neurose histérica, sobre qual é a parte dela no sofrimento do qual se queixa, isso produz, na visão de Lacan, questionamentos, novos desenvolvimentos de verdade e eventualmente, mudança de posição. Ainda que continue a agir da mesma forma por um tempo, Dora pode acessar um saber inconsciente que diz do seu modo de funcionamento e dos ganhos que usufrui a partir dos seus sintomas (COUTO, 2004). Se o neurótico vive através de satisfações substitutivas que o deixa fixado em posições muito objetalizadas, em alguns casos, o processo de luto na análise permite que ele elabore um impossível da relação indiferenciada com o Outro, possibilitando a admissão de uma falta que pode ser contornada através de elementos mais organizadores (OLIVEIRA, 2021).

É extremamente importante sublinhar que nenhum sujeito vive sem satisfações de alguma ordem (FREUD, 1917/2019). O que se apresenta como parte do trabalho analítico, na verdade, diz respeito

a tarefa de fazer o doente renunciar à obtenção imediata e fácil do prazer. Não se pede que ele renuncie ao prazer em geral; isso não se pode esperar de nenhum ser humano [...] pede-se ao doente que renuncie apenas às satisfações que inevitavelmente terão consequências nocivas; ele deve apenas experimentar uma privação temporária, aprender a trocar a imediata obtenção de prazer por uma mais segura, ainda que adiada. Em outras palavras, espera-se que, sob a direção do médico, ele realize o *avanço do princípio do prazer ao princípio da realidade*, que diferencia o homem maduro da criança (FREUD, 1916b/2019, p. 255).

A capacidade do avanço do princípio do prazer ao princípio de realidade é fundamental para a realização o luto, pois como vimos, diz de um trabalho que é fruto da

aquisição da função paterna articulada ao Ideal do Eu, exprimindo a capacidade de abrir mão de um “[...] prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois” (FREUD, 1911/2020, p. 117). O trabalho da análise em articulação com o trabalho de luto promove, em muitos casos, a introdução desse cálculo na vida do sujeito. Na possibilidade de adiar satisfações incertas, desvia-se esses investimentos, considerando o que a cultura tem para oferecer em termos de tratamento dos seus impulsos. Chamamos esse destino para a pulsão de sublimação (COUTINHO JORGE, 2021a). Esse mecanismo trata, em última instância, de um trabalho de mobilização da libido através de uma função mais organizadora. Segundo Freud, a tarefa terapêutica consiste, portanto, em “[...] libertar a libido de suas ligações presentes, afastadas do Eu, e colocá-la novamente a serviço desse eu.” (FREUD, 1917/2020, p. 600). Isso possibilita retirar a libido dos sintomas e mantê-la livre a serviço do Eu para que possa ser investida em objetos reais, assim como é o fim do trabalho de luto (FREUD, 1917[1915]/2019).

O objetivo aqui não é tratar propriamente do fim de uma análise, pois esta requer um estudo minucioso em todos os desdobramentos apresentados por Freud a partir de 1937. Nos detivemos mais sobre o processo de análise como aquele que requer uma mudança de posição. Contudo, é possível nos situarmos sobre os objetivos mais diretos de um processo mais avançado da análise, apontando não somente para a possibilidade de fazer algo de novo com o que é possível, mas fundamentalmente com o resto que é inalisável e impossível de ser subjetivado pelo sujeito (BERNARDES, 2003). Nesse sentido, o trabalho também diz de um real, no sentido lacaniano, que remete justamente à incapacidade de tudo elaborar, apontando diretamente para uma rocha difícil de quebrar. Como indica Coutinho Jorge (2021a), este real diz respeito a “uma parte do sujeito que nos escapa na análise” (p. 94), mas é possível organizar certos contornos.

Bernardes (2003), aponta esse caráter que exprime o real da falta de cada sujeito ao dizer que “o trabalho analítico constitui uma travessia: a modificação de que se trata ao final de uma análise é a mudança de posição do sujeito em relação a algo do real que não sai do lugar” (BERNARDES, 2003, p. 40)”. Diante disso, a ideia de elaboração encontrada na obra freudiana, traz como tarefa principal a capacidade de “trabalhar sem parar, trabalhar com esforço físico ou intelectual, trabalhar qualquer coisa a fundo, até o fim, de um lado ao outro, examinar a fundo.” (BERNARDES, 2003, p. 38). Nesse sentido, a clínica não é trabalhar apenas para eliminar a resistência, mas trabalhar, insistindo, apesar, por causa da resistência, acrescentando, contudo, que “esse caráter exaustivo da perlaboração a tornaria infinita se não fosse o fato de que uma perda se constitui no próprio esforço de suplantar a resistência pela

elaboração de um saber” (BERNARDES, 2003, p. 58). Freud afirma que esse trabalho exige paciência, pois é tomado como uma tarefa difícil para o paciente. Contudo, terminado esse processo de elaboração das resistências, o paciente se encontra com efeitos que podem ser tomados como modificadores (FREUD, 1914b/2020).

3.2 A melancolia como posição radical de não trabalho de luto frente à renúncia do objeto perdido

Abordamos, anteriormente, como o processo de análise possibilita um trabalho de mobilidade da libido através do desinvestimento e investimento em certos objetos, auxiliando no trabalho de luto (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022). No entanto, as investigações clínicas de Freud o levaram a constatar que “contrariamente a isso, existe a *fixação* da libido em certos objetos que, com frequência, perdura por toda a vida” (FREUD, 1940/2021, p. 31). Precisamos nos deter, então, no quadro clínico em que a capacidade de luto expressa a impossibilidade de se realizar pela dificuldade de organização do processo de renúncia.

A melancolia é um desses casos que, de forma mais radical, se apresenta por um “[...] distúrbio na distribuição da libido” (FREUD, 1920/2020, p. 197), o que resulta em um congelamento total do processo do luto e impasses no trabalho clínico. Assim, podemos formalizar que a melancolia é o que ocorre quando não se instala no Eu um processo de luto pela perda do objeto amado (OLIVEIRA, 2022).

Descreveremos o quadro da melancolia comparando-o com o do luto, considerando que Freud o faz de forma consistente em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917). Contudo, ele resgata essa discussão que foi iniciada no *Rascunho G*, em 1895, quando compara luto e melancolia como reações à perda, sendo esta última, denominada como “perda da vida pulsional” (FREUD, 1895a/ p. 150). Esta característica presente no quadro melancólico é o único traço que o distingue do luto, e ao mesmo tempo, é o ponto fundamental para entender que, embora sejam quadros fenomenologicamente semelhantes, são processos que se organizam de forma distinta (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022).

A melancolia, assim como o luto, também envolve um processo de dor psíquica proveniente da perda do objeto, caracterizada por um abatimento, desinvestimento no mundo externo, inibição e a perda da vontade de se relacionar com outras pessoas e coisas que não possuem ligação com o que foi perdido (FREUD, 1917[1915]/2019). No entanto, como apontado anteriormente, possui uma perda da vida pulsional determinada por uma “[...]”

diminuição da autoestima que se expressa em recriminações e ofensas a própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de autopunição" (FREUD, 1917 [1915]/2019, p. 172-73). Diante deste fato, entendemos que no funcionamento melancólico não se perde apenas o objeto, mas também o seu próprio Eu, que se torna vazio e apagado (FREUD 1917 [1915]/2019). O melancólico é aquele que ao não abrir mão do apego ao objeto perdido, se perde junto com a perda. Nesse sentido, ele recorre a uma série de deformações e processos muito complicados que trazem uma indisposição muito grande para novos destinos da vida pulsional justamente porque não consegue elaborar essa perda (OLIVEIRA, 2022).

Alguns casos clínicos se apresentam como de difícil manejo, uma vez que o sujeito sabe que perdeu alguém, mas não sabe o que perdeu a partir disso (FREUD, 1917 [1915]/2019). O processo de pensamento que leva até o conflito da melancolia é inconsciente e se acha bloqueado, impossibilitando que o sujeito consiga identificar que a perda que ele sente é mais a nível ideal (FREUD, 1917 [1915]/2019). Ainda que possa ser também uma resposta frente a perda real de um objeto amado, Freud elucida que, em muitos casos, “o objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso” (FREUD, 1917 [1915]/2019, p. 174-75).

Na clínica, é possível ouvir o impasse de caráter mais melancolizado em alguns discursos. Em minha prática de estágio, pude ouvir de uma paciente, que perdeu a mãe há alguns anos, que perdeu seu “tudo”, uma parte de si, alguém que ela amava muito e nunca mais seria amada da forma como sua mãe a amou, de modo que gostaria de morrer e voltar para o útero dela. Ao mesmo tempo, com o avanço dos atendimentos, disse que sentiu uma enorme liberdade após o falecimento, pois agora estava livre para viver a vida como sempre quis, uma vez que a mãe falhou em lhe ensinar a viver e não a amou o suficiente. Contudo, essa posição mais entristecida sempre retorna.

Ainda que não possamos fazer um diagnóstico diferencial em tão pouco tempo de trabalho clínico que possa dizer que a paciente é melancólica de fato, podemos usar o fragmento desse caso para perceber o traço que é essencial para entender a posição melancolia: ela evidencia uma forte decepção do sujeito em relação ao Outro (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022). No fragmento clínico trazido, há uma idealização do que seria esse amor que se compartilhou com a mãe e de como esta era vista pela paciente, ao mesmo tempo que há uma decepção em relação à insuficiência da mesma, que não foi suficiente ao demonstrar-lhe amor. Embora haja decepção, esta não é o suficiente para que haja um trabalho de luto e posteriormente uma separação, ainda que sua mãe tenha, de fato, sido separada da forma mais radical possível - através da morte (OLIVEIRA, 2021). É

possível ver, na prática clínica, como a paciente está sempre reiterando esse lugar ao lado da mãe falecida através de um empobrecimento de si mesma em muitos momentos.

Na melancolia, não há a elaboração da experiência de perda da posição de privilégio que se imaginava ter na fantasia do Outro constituída no tempo do narcisismo (OLIVEIRA, 2021). Dessa forma, o melancólico acredita até demais que é aquele que pode completar o Outro, congelando sua imagem na ideia do que Freud chama de “Sua Majestade o bebê”, aquele que seria o Eu ideal, sem defeitos de nenhuma ordem (FREUD, 1914/2019). O sujeito, em troca de sua devoção, espera a mesma atitude do ser amado, de maneira que, se o Outro não alcança essa imagem da fantasia, há uma decepção que faz com que o objeto seja perdido como objeto de amor (ALVES; OLIVEIRA, 2020).

Podemos dizer que o luto ocorre quando o sujeito consegue admitir que alguém ou algo do qual ele possuía muita estima se perdeu, de maneira que “[...] há a capacidade de deixá-lo ir, mas ao mesmo tempo mantê-lo integrando e enriquecendo o seu eu, como uma “reliquia simbólica” ou um traço de caráter” (ALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 4). Vimos, nos capítulo anterior, como a identificação secundária ao fim do complexo de Édipo possibilita que o sujeito se sirva da função paterna, conseguindo dar um tratamento da angústia da falta, de modo que seja possível construir maneiras de se estar no mundo e lidar com a falta que se estende a todos nós (OLIVEIRA, 2022).

Por outro lado, a melancolia expressa uma dificuldade de elaborar a experiência da decepção ao perceber que o Outro é faltoso, ou seja, não é perfeito. Assim, o processo da sexuação que tem como consequência herdar algo do outro, se apropriar, tomar para si e se lançar no mundo fica paralisado (OLIVEIRA, 2021). Nas palavras de Oliveira & Coelho dos Santos (2022) “[...] Freud parece rodear o cerne do impasse melancólico como o encontro com o traumático da falta e o fracasso em dar um destino ao traumatismo da perda no psiquismo pela sexualidade [...]” (p. 57). Quando o objeto se mostra como decepcionante e é perdido em seu valor amoroso, em vez de ser abandonado pelo melancólico, de modo que o sujeito consiga contornar essa falta, direcionando os investimentos para novas pessoas, o que se apresenta como funcionamento denota que “o laço com o mundo externo cede lugar à outra modalidade de relação, denominada como identificação narcísica” (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022, p. 178).

Se entendemos que o melancólico é decepcionado com o Outro, o processo de identificação narcísica nos dá pistas mais consistentes do porquê ele chega à clínica se autorrecriminando com tanto pesar, sem nenhum traço de vergonha ou pudor (FREUD, 1917[1915]/2019). Em muitos casos, a conta parece não fechar. O sujeito estaria falando de si

mesmo? Às vezes, parece estar falando do objeto perdido. Essa confusão, percebida por Freud (1917[1915]/2019), encontra sua explicação a partir dessa identificação baseada em um laço oral mais primário, sem auxílio de qualquer função que promova uma barra nessa fusão entre o Eu e o Outro (OLIVEIRA, 2021). Desse modo, entendemos que diante da perda do objeto, não há um deslocamento da libido para outros objetos, como pressupõe o trabalho de luto. O processo que ocorre é da instalação da libido para dentro do eu, substituindo o investimento do objeto por uma identificação primária que não admite a perda (OLIVEIRA, 2021).

Como exposto anteriormente, a identificação primária é necessária para um primeiro esboço de Eu, mas é muito débil, pois implica em uma indiferença com o Outro que acolheu o sujeito (OLIVEIRA, 2021). Nesse sentido, não há um reconhecimento do Outro como sendo diferente de si, não se admite qualquer coisa que seja diferente da completude, não há espaço para que qualquer alteridade possa surgir (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022). Assim, podemos entender como fazer queixas de si mesmo, está, na verdade, direcionado à outra pessoa. Segundo Freud, “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1917 [1915]/2019, p. 181) e este eu encontra-se fundido com o objeto perdido, de modo que “a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada” (FREUD, 1917 [1915]/2019, p. 182).

Observamos que, por ser um quadro de difícil distinção, Freud elenca a melancolia na categoria das neuroses narcísicas. O impasse não diz respeito a um conflito do Eu e os impulsos sexuais, como vimos na neurose, ou mesmo entre o Eu e o mundo externo, representado na psicose, mas expõe um conflito entre o Eu e o que Freud chama de “consciência moral” em *Luto e melancolia*, e em obras posteriores, é conceituado como Supereu (FREUD, 1924/2020). A partir da investigação minuciosa sobre qual conflito se apresenta na melancolia, podemos entender, de forma mais consistente, por que o sujeito se maltrata de forma doentia. Essa instância, nesse funcionamento melancólico, não é humanizada a partir de uma identificação com o pai, articulada com o Ideal do eu, mas se caracteriza como um Supereu arcaico que se volta contra uma parte do Eu do melancólico, uma vez que o julga como o objeto amado que foi decepcionante (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022). Assim, todo esse processo na melancolia fica latente, de forma inconsciente ao sujeito, até que encontra expressão consciente nesse conflito entre o eu e a instância crítica superegógica, através das autorrecriações que o sujeito faz sem pudor na análise e até mesmo em outros espaços da vida (FREUD, 1917[1915]/2019).

Esse funcionamento traz ganhos importantes para a clínica que lida com casos mais graves, de manejo mais delicado. Vemos como a posição sádica do melancólico pode atingir níveis extremos através do Supereu arcaico, que age tão brutalmente com o eu, podendo levar o sujeito a cometer suicídio (FREUD, 1917[1915]/2019). Segundo Freud, é através do estudo da melancolia que se entende como esse processo de auto aniquilação pode ocorrer, porque “[...] o eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto [...]” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 185). O agente crítico, na melancolia, não parece ser capaz de fortalecer a responsabilização do indivíduo. Ele opera muito mais devastando e aniquilando o Eu com imperativos, cobranças e exigências que não operam em prol da vida (OLIVEIRA, 2021).

Todo esse mecanismo apresentado elucidado como o campo da melancolia é de difícil manejo por se tratar de um processo psicopatológico que “assume variadas formas clínicas” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 171) e demonstra uma rigidez que Freud denominou como “inacessibilidade narcísica” (FREUD, 1914a/2019), dificultando o processo de investir libido na figura do clínico, uma vez que ela se encontra paralisada no eu. Sobre as neuroses narcísicas, Freud, no começo de sua investigação, descreve que

não possuem capacidade de transferência, ou possuem apenas resíduos insuficientes dela. Rejeitam o médico, mas não de maneira hostil, e sim indiferente. Por isso não podem ser influenciados por ele. O que o médico diz os deixa frios, não lhes causam nenhuma impressão; por isso não pode se produzir neles o mecanismo de cura que fazemos funcionar nos outros: a renovação do conflito patogênico e a superação da resistência devida à repressão [recalque]. Eles permanecem como são. Com frequência, já fizeram por conta própria tentativas de se restabelecer, que tiveram resultados patológicos. FREUD, 1917/2019, p. 529)

A partir do exposto, Freud aponta como tentativa de restabelecimento na melancolia uma manifestação clínica que se apresenta como seu oposto: a mania. A melancolia chega ao fim após um longo processo de depreciação de si através do objeto, e quando tal fato ocorre, muitas vezes o que se observou foi uma via maníaca de expressar essa liberdade após se afastar do objeto, possibilitando que ele se sinta vitorioso por ter conseguido se afastar do objeto (FREUD, 1917[1915]/2019). Nas palavras de Freud, “Nisso o Eu talvez desfrute a satisfação de poder se enxergar como o melhor, como superior ao objeto” (FREUD, 1917[1915]/2019, p. 193).

A fim de elucidar um pouco esse caminho possível ao fim da melancolia, mas não esgotar a discussão completamente, é importante entender como o maníaco situa seus investimentos. De acordo com Alves & Oliveira (2020),

Do ponto de vista econômico, a mania envolve a liberação do acúmulo de investimento retido no ego. Com a abolição de toda a autocrítica, há uma ausência surpreendente das inibições no âmbito das ações que realizam as exigências pulsionais. No entanto, parece que o indivíduo não deixa de ser um homem faminto agido por um excesso pulsional que não conhece interdições. Parece continuar servindo a um funcionamento muito arcaico do psiquismo e a um modo de relação com o objeto bastante desprezado das coordenadas civilizatórias (ALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 4).

É possível situar a mania como uma forma de escapar do processo de anestesia que a melancolia implica, o que denota esse caráter mais eufórico expressado por uma sensação extrema de bem-estar e uma posição mais ativa frente a novos investimentos (ALVES; OLIVEIRA, 2020). Contudo, a própria mania se expressa por uma dificuldade de fazer um luto, na medida em que ultrapassa o investimento do objeto, mas não utiliza do processo civilizatório para investir em objetos de forma precavida, se comportando como um consumidor que poderia ter acesso a tudo (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou uma revisão do luto na obra freudiana, buscando elucidar quais são os processos psíquicos e culturais necessários para que um sujeito consiga realizar essa tarefa que é imprescindível para o desenvolvimento e advento do sujeito cultural. Além disso, houve a necessidade de esclarecer porque, em muitos casos, o luto é sentido como um afeto penoso, de difícil realização, de modo que muitos encontram dificuldades de passar por este processo.

Compreendeu-se que o trabalho consiste em desfazer um laço que era altamente investido pelo sujeito, implicando em assumir uma posição de renúncia que, para muitos, não é aceita de imediato, visto que remete sempre ao desamparo de perder um outro amado ou a posição que se ocupava para a pessoa. O tempo que o sujeito leva para aceitar que houve a ruptura do laço é investido com um certo apego às memórias e conexões que foram criadas com particularidade. O caráter da dor resulta tanto da ruptura do laço, quanto do superinvestimento frente à realidade da perda do objeto.

A condição na qual chegamos ao mundo nos deixa tão desamparados que a constituição de um sujeito, para além dessa posição, só é possível através das várias renúncias produzidas ao longo da vida em relação ao objeto materno que escolhe essa função de, em um primeiro momento, ser o representante do cuidado que nos mantém vivos. Vimos que no

desenvolvimento, o sujeito se toma como objeto capaz de ser amado, investe no seu Eu, primeiramente como uma ficção, e precisa fazer um trabalho de renúncia em prol de um Eu que admite uma versão de si incompleta, que pode se colocar no mundo buscando mais atributos para si, através de um Ideal do eu estruturado com a realidade (FREUD, 1914/2019). Essa tarefa cria uma base libidinal de extrema importância para que o sujeito consiga renunciar diante de situações que apresentar um apego resultaria em um empobrecimento do Eu.

Desse modo, a capacidade de criar ferramentas essenciais para contornar as adversidades que surgem na vida cultural é feita através dos desencontros que vão atualizando a perda primordial, de modo que o sujeito responda a partir da sua individualidade. Toda a capacidade de suportar um desencontro entre o que se espera e o que se obtém na realidade é um dos ganhos adquiridos através da entrada da função paterna, que introduz a falta, mas sobre outra ótica, abrindo sempre caminho para o novo (OLIVEIRA, 2022).

O luto, portanto, é o resultado de todo esse processo de aquisição que implica em um trabalho psíquico doloroso, mas que ao final, promove diversas possibilidades de se apropriar do que foi vivido sem que o sujeito se sinta assolado pelas impossibilidades que encontrará pela vida. Através da base libidinal que possibilita o amor próprio, da identificação com a função paterna pelo dispositivo simbólico do complexo de Édipo e a estruturação de um Ideal do eu, podemos dizer que o sujeito se encontra narcisicamente íntegro e suas satisfações em estar vivo se mantêm, de modo que seja possível empreender e suportar um trabalho de luto (FREUD, 1917[1915]/2019). Contudo, para alguns, a perda do objeto é inaceitável, de modo que o trabalho de luto é totalmente bloqueado, como na melancolia.

Diante disso, esclarecer a metapsicologia do luto se mostrou extremamente importante para conseguir distinguir o processo penoso do luto, que coloca o Eu em um sofrimento temporário em contraponto à melancolia, que esvazia o Eu completamente em consequência da identificação narcísica com o objeto perdido (FREUD, 1917[1915]/2019). A partir da comparação do luto e melancolia foi possível situar melhor como a perda do objeto implica em respostas mais aptas à realização de um luto ou conflitos que impossibilitam o trabalho de luto de forma mais radical, como a melancolia. Como foi observado, a impossibilidade de passar pelo tempo do complexo de Édipo se servindo do Outro da cultura, promove, para o melancólico, impasses em abrir mão do objeto perdido (OLIVEIRA, 2021). O trabalho a ser feito implica que

Com a intervenção paterna, a libido ligada ao objeto perdido pode, então, se desprender da figura materna, dessexualizar-se e refluir para o eu, colorida pela promessa de novos encontros depois da puberdade e seus novos passos sublimatórios para a ligação da pulsão à cultura (OLIVEIRA; COELHO DOS SANTOS; 2022, p. 59-60).

Foi possível, também, elucidar como o trabalho analítico se apresenta como um processo extremamente importante em auxiliar o sujeito nesses impasses, promovendo um trabalho de luto mesmo em situações que não envolvem perda de objeto direta (COUTINHO JORGE, 2021b). Dessa forma, entendemos melhor que o processo de elaboração e a capacidade de sublimação são ganhos que, no espaço analítico, ganham um direcionamento fundamental para se criar novas formas de ser e estar no mundo (BERNARDES, 2003).

O trabalho da melancolia na clínica se apresentou em segundo plano porque o objetivo principal foi explorar essa afecção clínica como um mecanismo que é o oposto do trabalho de luto. Contudo, entender que o ponto fundamental da melancolia diz respeito a uma decepção possibilitou uma articulação mais direta à dificuldade de se servir do outro e ao não atravessamento do complexo de Édipo, o que reforçou a importância do processo de sexuação para a constituição psíquica e a capacidade de renunciar e sublimar diante das perdas (OLIVEIRA, 2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSOLI, S. S. J., MATOS, R. P. (nov. 2019 a abr. 2020). A exigência psíquica dos rituais de despedida diante da morte em uma UTI da Covid-19 (Sars-CoV-2). **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**. Rio de Janeiro, 15(29), 103-117. Disponível em: www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2020v15n29p103-117

COELHO DOS SANTOS, T. (2005). O caso Dora. **Disciplina sobre as estruturas clínicas**. Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana, ISEPOL: Laboratório de Ensino. Disponível em: http://www.isepol.com/down_estruturas_clinicas/4_estruturas.pdf

COUTINHO JORGE, M. A. (2021a). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol. 1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1. ed.

COUTINHO JORGE, M. A. (2021b). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan - vol. 3: A prática analítica. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1. ed.

COUTO, L. (2004). Dora, uma experiência dialética. *Ágora Editora*, vol. 7, n. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/dgdkGbhBHSMH7CCS6vNsWkS/?format=pdf&lang=pt>

DUNKER, C. (2019). Teoria do luto em psicanálise. In: **Pluralidades em Saúde Mental**. Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez.

FREUD, S. (1895a). Rascunho G. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 150-154.

FREUD, S. (1895b). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 385-529.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 6, p. 20-172.

FREUD, S. (1909). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (o pequeno 'Hans'). In: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na *gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, v. 8, p. 124-284.

FREUD, S. (1910). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: FREUD, S. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"), uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 9, p. 314-323.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 108-121.

FREUD, S. (1913). Princípios básicos da psicanálise. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 268-276.

FREUD, S. (1914a). Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 14-50.

FREUD, S. (1914b). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 10, p. 194-209.

FREUD, S. (1915a). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 210-246.

FREUD, S. (1915b). Pulsões e seus destinos. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 52-80.

FREUD, S. (1915c). O inconsciente. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 83-150.

FREUD, S. (1915c). O recalque. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 83-98.

FREUD, S. (1916a). A transitoriedade. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 248-252.

FREUD, S. (1916b). Alguns tipos de caráter encontrados na prática analítica. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 254-286.

FREUD, S. (1917). Teoria geral das neuroses. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 171-194.

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 171-194.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 16, p. 14-74.

FREUD, S. (1924). Neurose e psicose. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 16, p. 177-183.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD,S. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, vol. 17, p. 14-123.

FREUD, S. (1940). Uma amostra do trabalho psicanalítico. In: FREUD,S. Obras incompletas de Sigmund Freud: **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados (edição bilíngue)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, 1 ed, vol. p. 115-143.

LACAN, J. (1956). Para que serve o mito. In: LACAN, J. O Seminário, Livro 4: **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, vol. 4, p. 254-273.

LAPLANCHE, J. (2001). **Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPES, A, C, D. (2008). Fobia, perversão e metáfora paterna. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**. Rio de Janeiro, ed. 7. Disponível em: isepol.com/asephallus/numero_07/artigo_02_port.html

NASIO, J. (1996). **O Livro da Dor e do Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVEIRA, F. L. G; ALVES. A. M. (2020). “LUTO E MELANCOLIA” (1917[1915]). **Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana, ISEPOL: Laboratório de Ensino**. Disponível em: <http://www.isepol.com/pdf/Luto%20e%20melancolia.pdf>

OLIVEIRA, F. L. G. (2021). **Teoria Psicanalítica H**: Disciplina de graduação em Psicologia ministrada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Notas de aula. Rio de Janeiro: UFRJ, jul./out. 2021. Não publicado.

OLIVEIRA, F. L. G. (2022). **Grupo de estudos: introdução à teoria psicanalítica com ênfase em fundamentos conceituais da clínica em psicanálise**. Grupo da graduação em Psicologia ministrado na Universidade Federal Fluminense. Notas de aula. Niterói/ UFF, out. 2022. Não publicado.

OLIVEIRA, F. L. G., COELHO DOS SANTOS, T. (2022). **Intervenções psicanalíticas no campo da saúde: inovações no tratamento de transtornos alimentares**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022, 1. ed.